

Retomando o assunto específico sobre Minas Gerais, introduzido no item 2.2, no qual mencionou-se sobre o barroco brasileiro, aqui particularmente sobre a arquitetura, de acordo com Roger Bastide, citado por Azevedo (1996, p. 430), “a hipertrofia da ornamentação interior em relação à parte arquitetônica [...] [ocorria porque] ‘a igreja só podia ornamentar-se à medida que as riquezas aumentavam; mas, como então o exterior já estava feito, o barroco só podia triunfar no interior’”, contrastando com a solidez rude das casas-grandes nos engenhos ou com os sobrados das cidades.

A austeridade arquitetônica das mansões coloniais, em que tão fielmente se exprimiu a simplicidade do meio social, corresponde ao seu interior, de salas amplas e hospitaleiras, de paredes nuas e de mobiliário pesado, que imprimem a todo o conjunto esse caráter sóbrio até a severidade e essa estabilidade tranqüila em que repousa o regime da família patriarcal. Na velha casa colonial cujas paredes raramente eram ornadas de quadros artísticos – o que já havia surpreendido os holandeses –, o mobiliário de luxo, trabalhado em Jacarandá ou em cedro, ainda no século XVIII quando começou a dominar o estilo D. João V, de influência francesa, mantém a robustez excessiva de carpintaria e a ornamentação vigorosa, exigidas pela solidez arquitetônica das habitações urbanas, de uma poderosa construção, em que a economia agrícola e a paisagem social fizeram prevalecer as grandes formas simples e em que o arcabouço vale mais do que a decoração. (AZEVEDO, 1996, p. 436)

Especificamente sobre o mobiliário, ainda na primeira metade do século XVIII, houve a

transição entre o estilo **Nacional-Português** e [...] [o] **Barroco**, [...] [este representado por] ricos entalhes, curvas, recortes e o uso de pintura com diversos motivos em armários, baús etc. No mesmo período, teve início em Portugal o estilo **D. João V**, que chegou à colônia com certo atraso e não teve grande aceitação entre os colonos. (BORGES, 2007, p. 18-19)

As figuras 11 e 12 são exemplos de móveis característicos do barroco mineiro, sendo o segundo acrescido de influências neoclássicas, além de ter superado a arca “devido às vantagens que suas amplas prateleiras internas apresentavam para a guarda de documentos, louças, objetos e, mais tarde, roupas. [Tal armário era] usado no século 17 nas igrejas e conventos, [e] no século 18 tornou-se comum nas casas”. (BORGES, 2007, p. 40)



Figuras 11 e 12: *Arca policromada* e *Armário*, respectivamente; século XVIII, Minas Gerais. (BORGES, 2007, p. 36 e 40, respectivamente)

Sobre a *Poltrona de couro com pregaria*, na figura 13, “é um exemplar do estilo Nacional-Português, de características austeras, com influência renascentista. A ornamentação no couro gravado do encosto é rica e identificada como indo-portuguesa”. Já as figuras 14 e 15, são exemplos de móveis no estilo D. João V. (BORGES, 2007, p. 33)



Figura 13: *Poltrona de couro com pregaria*, século XVIII. (BORGES, 2007, p. 33)



Figuras 14 e 15: *Poltrona D. João V* (BORGES, 2007, p. 34) e *Cama com cartela* (BORGES, 2007, p. 43), respectivamente; século XVIII, Brasil.

Ainda sobre aspectos característicos do barroco mineiro, o mobiliário nas residências era simples nas formas, sendo dobrável e desmontável para facilitar o transporte em função da constante troca de lugar que a extração do ouro exigia, ocupando pouco espaço nas viagens, como a *Cadeira de campanha*, na figura 16, dobrável e de execução popular. O exemplar *Arca-banco*, na figura 17, era para sacristia ou para alpendre. Outros exemplos são os bancos, principalmente usados pela população de baixa renda, os quais correspondem às figuras 18 e 19. O primeiro banco demonstra uma lição de simplicidade construtiva, pois os “quatro pés com inclinação de cavalete são encaixados diretamente na tábua horizontal cortada a enxó”. O segundo, *Banco Bandeirante*, possui um “inteligente sistema estrutural sem qualquer emenda aparente, denotando leveza, flexibilidade e

resistência”. Já os móveis das igrejas, como arcazes, armários e credencias, eram robustos e adornados com muito luxo. (BORGES, 2007, p. 52)

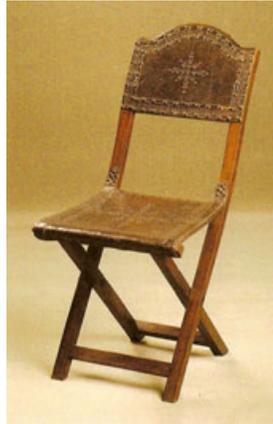


Figura 16: *Cadeira de campanha*, século XVIII, Atibaia, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 32)



Figura 17: *Arco-banco*, século XVIII, Brasil. (BORGES, 2007, p. 35)



Figuras 18 e 19: *Banco* (BORGES, 2007, p. 52) e *Banco Bandeirante* (BORGES, 2007, p. 53), respectivamente; século XIX, sendo o primeiro de Ilhabela, São Paulo.

As casas abastadas receberam camas com ricos entalhes nas cabeceiras, preguiceiros, mesas, mesas de encostar e belos armários pintados. As madeiras mais utilizadas eram o

vinhático, o jacarandá-da-baía e a cabiúna. Esses móveis eram feitos sob encomenda, projetados por mestres portugueses e por seus aprendizes negros. (BORGES, 2007, p. 19)

Com a vinda da corte lusa do Príncipe D. João para o Brasil, em 1808, associada à abertura dos portos e à assinatura de tratados comerciais, conforme Santos (1995, p. 15-17), ocorreu uma diminuição das importações de peças portuguesas. Em contrapartida, houve um aumento da chegada de móveis dos mais variados estilos europeus, o que passou a influenciar a produção local com sua complexidade, além da busca em se desenvolver móveis industrializados.

Cabe destacar, ainda no século XIX, a importância dos Liceus de Artes e Ofícios, os quais, além de produzirem mobília em madeira, formavam artesãos qualificados.

Da segunda metade do século XVIII até o início do século XIX, surgiram os estilos D. José I e D. Maria I. O primeiro desenvolveu-se em Portugal e teve grande aceitação no Brasil. Exemplos desse estilo são representados pelas figuras 20 e 21, as quais apresentam móveis com suaves linhas sinuosas como referências do rococó francês. Já quanto ao estilo D. Maria I, este abrangeu a classe alta, representado na figura 22, onde o móvel possui características neoclássicas, como também na figura 23, com uma cama rústica do artesanato popular, de referências neoclássicas simplificadas.



Figuras 20 e 21: *Preguiceiro* (BORGES, 2007, p. 41) e *Mesa D. José I* (BORGES, 2007, p. 45), respectivamente; século XVIII, Brasil, sendo o primeiro da Bahia.



Figuras 22 e 23: *Mesa D. Maria I* (BORGES, 2007, p. 47) e *Cama rústica* (BORGES, 2007, p. 42), respectivamente; final do século XVIII, sendo o primeiro móvel da Bahia e o segundo de Ilhabela, São Paulo.

Importaram-se também outros móveis e, posteriormente, seus estilos foram copiados no Brasil. Alguns exemplos são os estilos vindos da França, como o Diretório e o Império. Este último está representado nas figuras 24 e 25. Esses móveis demonstram influências da Antiguidade clássica. Cabe destacar que, na segunda figura, encontra-se um exemplar que pertenceu à Imperatriz Teresa Cristina Maria. Já da Inglaterra, vieram os estilos Adam, Sheraton e Regência, os quais manifestaram-se no decorrer do século XIX. Exemplo do estilo Regência está representado na figura 26 pela *Cadeira de bordar*, cuja “estrutura traz referências do estilo Neoclássico inglês, Regência, [e] [...] seu assento baixo é adequado ao uso pelas bordadeiras”. Já a figura 27 exemplifica o estilo Sheraton (nome de seu criador), “uma adaptação do estilo Neoclássico inglês [...] que buscava simplicidade e praticidade”. (BORGES, 2007, p. 60 e 57, respectivamente)



Figuras 24 e 25: *Poltrona* (BORGES, 2007, p. 59) e *Cama Império* (BORGES, 2007, p. 63), respectivamente; século XIX, sendo o segundo móvel da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 26: *Cadeira de bordar*, século XIX. (BORGES, 2007, p. 60)



Figura 27: *Canapé Sheraton brasileiro*, século XIX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 57)

Com as fundações de escolas de artes e de ofícios, houve a contratação de mestres estrangeiros, tendo como exemplo, a missão artística francesa, já citada no item 2.2. Essa missão francesa introduziu no Brasil o estilo Neoclássico, “em voga na Europa desde o final do século 18, o que transformou os exteriores e interiores das residências mais abastadas”. Tal estilo não foi muito difundido entre as camadas inferiores da população. Na mesma época, “em Pernambuco, surgiu um estilo de mobiliário com fortes influências brasileiras, que ficou conhecido como **Beranger** ou Pernambucano”, exemplificado nas figuras 28 e 29. (BORGES, 2007, p. 20)

O estilo Beranger ficou assim conhecido

por ter sido desenvolvido pelo marceneiro francês Julien Beranger, que em 1816 se radicou no Recife e teve seu trabalho continuado pelo filho Francisco, até 1857. Apesar da forte influência européia e de misturar elementos do Rococó e do estilo francês Império, cria uma linguagem própria pelo entalhe na madeira [...] com motivos ornamentais da fauna e da flora brasileiras e pelo uso da palhinha. (BORGES, 2007, p. 54)



Figuras 28 e 29: *Aparador* (BORGES, 2007, p. 54) e *Canapé Beranger* (BORGES, 2007, p. 55), respectivamente.

Ainda na segunda metade do século XIX, fatores como o crescimento da população, o aumento da produção cafeeira, a ampliação das linhas ferroviárias, favoreceram o avanço da economia, assunto já citado no item 2.2. Tais fatores, entre outros, contribuíram para o florescimento da produção moveleira no Brasil.

[Os] ambientes [...] apresentavam-se agora ricamente decorados – salas de jantar com suas mesas e cadeiras de espaldar alto, salas de visitas com canapés de palhinha e o piano para os sarais e encontros familiares. [...] A madeira, abundante no país, era a principal matéria-prima. Os avanços técnicos e científicos empreendidos durante o período da Revolução Industrial permitiram, nos anos de 1890, o surgimento da Companhia de Móveis Curvados que produzia, em larga escala, móveis que seguiam os modelos do austríaco **Michel Thonet** (1796-1871), que desenvolvera a técnica de vergar madeira maciça usando vapor, na década de 1830,

com um exemplar na figura 30. (BORGES, 2007, p. 21)



Figura 30: *Cadeira Thonet*, c. 1860. (BORGES, 2007, p. 61)

Conforme Borges (2007, p. 21), o que se destacou na passagem do século XIX para o século XX foi o movimento decorativo Art Nouveau, na arquitetura e nas artes plásticas, com um exemplo de mobiliário na figura 31.



Figura 31: *Armário Art Nouveau*, século XX, Brasil. (BORGES, 2007, p. 91)

Foi um marco de ruptura dos valores estéticos em voga até então, um passo para o movimento moderno. No Brasil, difundiu-se rapidamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas fachadas e interiores de edificações públicas e privadas. Com o surto da indústria da borracha, o Amazonas e o Pará também foram contagiados pelo Art Nouveau, importando materiais e modelos direto da Europa.

Os ambientes completaram-se de móveis, “a sala de recepção apresentava sofás e cadeiras estofadas; na sala de jantar, acompanhando a mesa de refeições estava a cristaleira, ostentando louças inglesas, enquanto diversos aparadores se espalhavam pelos cantos”. (BORGES, 2007, p. 21)

Durante o século 20, houve diversos estudos sobre o desenho e a funcionalidade do móvel. As preocupações com o desenho e a arquitetura passaram a influenciar a produção moveleira, a organização dos espaços e os programas das casas. O grande desafio da produção industrial era a criação de peças que fossem acessíveis ao grande público, logo deveriam ter seu custo reduzido. A cama patente (1915), projeto de Celso Martinez Carrera (1884-1955), de desenho simples, confeccionada em madeira vergada e produzida em larga escala, marcou o início deste século. (BORGES, 2007, p. 22)

A simplicidade de linhas da *Cama Patente* favoreceu a passagem da produção artesanal para a produção seriada. O projeto desse móvel, exemplificado na figura 32, foi “patenteado por seu criador e fabricante, precursor da produção moveleira seriada no país. [...] O design mostra influências dos móveis Thonet, da Áustria”. (BORGES, 2007, p. 93)

Pode-se

considerar o *design* desta cama, um verdadeiro manifesto a favor da modernidade e da funcionalidade no móvel, que trouxe alterações profundas em termos de projeto, da

execução, dos processos construtivos, da comercialização, do consumo e dos padrões do gosto no setor. (SANTOS, 1995, p. 33)



Figura 32: *Cama Patente*, c. 1915, Araraquara, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 92)

Já a empresa Cimo foi considerada a maior indústria de móveis da América Latina, representada na figura 33 por uma cadeira de escritório, onde a altura do assento é regulável. “Com uma linha diversificada, produzida em grande escala, [a empresa] controlava todo o processo, desde o plantio de árvores [...] até a entrega dos móveis”. (BORGES, 2007, p. 79)



Figura 33: *Cadeira Cimo*, c. 1920, Rio Negrinho, Santa Catarina. (BORGES, 2007, p. 79)

Um dos expoentes da modernização da cultura brasileira foi a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no início dos anos de 1920. Mário de Andrade (1893-1945) pôs em prática os princípios desse movimento, colaborando, de maneira singular, com o móvel brasileiro. Mesmo com influências do Art Déco, prenunciou novos padrões estéticos para o mobiliário. Outros colaboradores, no mesmo período, foram Flávio de Rezende Carvalho (1899-1973), Gregori Warchavchik (1896-1972), Cassio M'Boi (1896-1986), Lasar Segall (1891-1957) e Theodor Heuberger (1898-1987).

Foram também momentos importantes, a fundação da Bauhaus, por Walter Gropius, na Alemanha, a qual “tinha por finalidade formar uma nova geração de arquitetos integrados com os modernos meios de produção, preparando profissionais capazes de imprimir qualidade estética e construtiva aos produtos industriais”; e o movimento Art Déco, na França, o qual “surgiu impulsionado pelos movimentos decorativos do início do século e pela indústria, combinando o uso de metal, madeira e couro”, com linhas puras e sem ornamentos, como mostra a poltrona, na figura 34, de John Graz (1891-1980), expoente de tal estilo, onde este móvel foi reeditado nos anos de 1980 com base num rascunho deixado por Graz. Todos esses marcos refletiram suas características nos produtos brasileiros. (BORGES, 2007, p. 22)



Figura 34: *Poltrona John Graz*, c. 1940, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 82)

Mas foi “a partir de 1930, com a emergência da arquitetura moderna [...], [que se] configurou [...] um conjunto de fatores que desempenhou importante papel no processo de modernização da mobília brasileira”, principalmente em nível de desenho, mesmo ainda com a predominância da produção artesanal. (SANTOS, 1995, p. 21)

Durante as Grandes Guerras, a produção nacional teve de ser incrementada, pois as importações ficaram prejudicadas, e foi só a partir dos anos de 1940 que puderam ser notados móveis com características brasileiras mais evidentes. Foi nessa década que os primeiros designers conferiram personalidade às peças criadas a partir de materiais nacionais e produção local. [...] Nos anos de 1950, o estímulo desenvolvimentista influenciou a produção moveleira e diversas indústrias foram criadas, principalmente em São Paulo. Desde então, esse ramo cresceu, conquistou um grande público e ramificou-se em diferentes segmentos que até a atualidade atendem desde às camadas populares, com preços acessíveis e em larga escala, até às abastadas, com peças exclusivas, assinadas por designers famosos, que se transformaram em espécies de obras de arte. (BORGES, 2007, p. 22)

A busca pela originalidade brasileira não quer dizer que o mobiliário deixou de receber influências externas, mas, a estas, associaram-se elementos nacionais, como

os tecidos, as fibras naturais e o uso de outros materiais da terra. Conseqüentemente, esses elementos acabaram amortecendo o reflexo da importação de idéias, trazendo maior autonomia para a produção do móvel e caracterizando obras significativas elaboradas dentro de um marco estilístico que respondeu mais adequadamente às nossas condições. (SANTOS, 1995, p. 22)

Conforme Santos (1995, p. 51), foi nesse período de 1930 a 1960 que partiu de São Paulo e do Rio de Janeiro a maioria das iniciativas modernas em relação ao mobiliário, bem como a implantação do desenho industrial no Brasil.

No Rio de Janeiro, como havia, em grande parte, investimentos em obras públicas, o que mais se desenvolveu foi a produção de móveis de escritório, bem como para o interior das residências projetadas pelos arquitetos locais. Essa geração de arquitetos, os quais fizeram trabalhos de design, era representada por Lucio Costa, líder do grupo, Affonso Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. O primeiro e o último citados “fomentaram, sobremaneira, o surgimento do novo estilo de móveis, que se consolidou por completo nos anos 60, sendo, então, gradativamente absorvido pela indústria”. Esse estilo foi representado por exemplares modernos. Outros ainda foram Artur Lício Pontual (1935-1972), Carlos Benvenuto Fongaro (1915-1986), Joaquim Tenreiro (1906-1992; figura 35), Sérgio Roberto dos Santos Rodrigues (1927; figura 36), Sérgio Bernardes, Bernardo Figueiredo e Aida Boal (1930). (SANTOS, 1995, p. 52)



Figura 35: *Poltrona de embalo*, de Joaquim Tenreiro, c. 1947, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 83)



Figura 36: *Poltrona Mole*, de Sérgio Rodrigues, 1957, Curitiba, Paraná. (BORGES, 2007, p. 84)

Já em São Paulo, cidade reconhecida como o maior pólo industrial do Brasil, era onde se concentravam os recursos tecnológicos para a produção do móvel moderno. Além de Gregori Warchavchik como destaque dos anos de 1920, já citado, cabe assinalar, a partir de 1930, a contribuição de Oswaldo Arthur Bratke, João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), Rino Levi (1901-1965) e Henrique Ephim Mindlin (1911-1971). Seguindo a carreira desses profissionais, surgiram Lívio Abramo (desenhista), Francisco Rebolo Gonsales (1903-1980), José Zanine Caldas (1919-1999; figura 37), Paulo Mendes da Rocha (1928; figura 38), entre outros. Houve também a atuação de “uma geração de arquitetos formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo a partir de fins dos anos de 1950”, como Júlio Roberto Katinsky, Abrahão Sanovicz, entre outros profissionais que contribuíram para com o desenho industrial. (SANTOS, 1995, p. 72)



Figura 37: *Bar Z – 10-8*, de José Zanine Caldas, 1950, São José dos Campos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 94)



Figura 38: *Cadeira Paulistano*, de Paulo Mendes da Rocha, 1957, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 85)

A partir do final da década de 1940, houve uma preocupação maior em conjugar “o espírito moderno do despojamento e simplicidade ao uso de nossos materiais” e às condições de produção vigentes nessa época, tanto artesanal quanto semi-industrial ou industrial. Buscavam assegurar “ao móvel então produzido uma qualidade universal e artisticamente elaborada, o que alterou de maneira significativa o aspecto do mobiliário brasileiro”. Assim, buscou-se a utilização de formas orgânicas, ao contrário do período antecedente representado por aspectos mais estáticos, o que permitiu maior conforto e, conseqüentemente, melhor ajuste ao corpo do usuário. Também se acentuou o uso de fibras naturais e tecidos rústicos (lona, couro e chita, como exemplos), representantes dos materiais nativos, além de madeira compensada ao invés de maciça. Tais características refletiram-se nas obras de Joaquim Tenreiro, agora ainda mais envolvido com o móvel moderno, Lina Bo Bardi (1914-1992), Giancarlo Piretti e Bernard Rudofsky (1905-1988). Nota-se a presença de profissionais estrangeiros no Brasil que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do mobiliário nacional. (SANTOS, 1995, p. 81)

Na década de 1950, segundo Santos (1995, p. 103), ocorreu a “consolidação e [a] diversificação do móvel moderno [...], chegando aos dias atuais”. A rápida industrialização, com a produção em série, juntamente com a ascensão dos meios de comunicação de massa

contribuíram para difundir [tal] [...] móvel [...], [como também] o uso dos novos materiais, a aceitação de novas formas, padrões e tendências na decoração dos interiores [...]. A produção em série e a comercialização através de canais de venda mais populares – como grandes magazines – foram fatores importantes para a legitimação e difusão do desenho moderno.

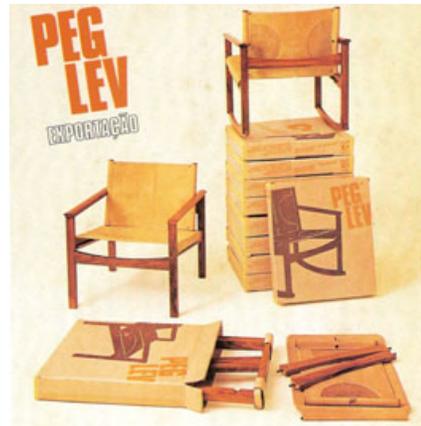
Sobre a variedade de materiais, passaram a ser produzidos móveis de plástico, cromados, além da utilização de materiais sintéticos. A partir desse momento, nas décadas de 1950 e 1960, começaram as preocupações com a preservação ambiental, com a modulação e com

a própria funcionalidade dos móveis. Mesmo assim, alguns profissionais ainda seguiram os padrões clássicos, tomando como modelo o trabalho de Joaquim Tenreiro.

A partir de 1960, especificamente, a efervescência da arte e da cultura brasileira, como consequência das mudanças de caráter político-social que ocorreram nessa década, refletiu-se também no mobiliário, mesmo que de forma sutil, a qual envolvia a questão nacional-popular.

Em nível de desenho industrial notamos maior ênfase no uso dos materiais brasileiros, maior preocupação com as formas do móvel vernacular do país e, no limite, a própria produção em série visava atender a um consumidor mais popular; enfim, o móvel se orientou por um certo “estilo nacional”. (SANTOS, 1995, p. 124)

Assim, o móvel enriqueceu-se “com os elementos nativos e, em consequência disso, produziu-se, em certos momentos de plenitude criadora, um móvel com formas originais, mais condizente com nossas condições e expressivo do caráter brasileiro”, o que o colocou em evidência diante do cenário internacional. Nessa fase, o trabalho mais significativo cabe a Sérgio Roberto dos Santos Rodrigues, agora ainda mais intenso em relação à questão do nacionalismo, seguido de Michel Arnoult (1922-2005; figuras 39 e 40), Norman Westwater e Abel de Barros Lima (Mobília Contemporânea), Carlo e Ernesto Hauner (Móveis Artesanal e Mobilínea), Karl Heinz Bergmiller (1928; Escriba), Geraldo de Barros (Hobjeto), Leo Seincman (1919; Probjeto), Ricardo Arrastia, José Serber (1933-1988), entre outros. (SANTOS, 1995, p. 124)



Figuras 39 e 40: *Cadeira Peg Lev*, de Michel Arnoult, 1968, da cidade de São Paulo (BORGES, 2007, p. 86); e Catálogo Mobília Contemporânea, de móveis vendidos desmontados (LEAL, 2002, p. 102); respectivamente.

Nos anos de 1970 e 1980,

a produção é eclética e apresenta várias vertentes: o móvel de autor, assinado, com canais de venda e faixa de clientela próprios; o móvel de massa, que inundou o mercado para consumo popular, sem preocupações com o *design*; o móvel reciclado, um certo *revival* da mobília do passado, em que cópias e obras verdadeiras coexistem em antiquários e lojas

de móveis usados, em geral. Além disso, devemos salientar uma categoria de móveis que cresceu significativamente no mercado nos anos 70, embora tenha sofrido certo desaquecimento na década de 80: os móveis institucionais, destinados principalmente a escritórios, lugares públicos, bibliotecas, auditórios, museus e hospitais. (SANTOS, 1995, p. 155)

Nesse meio, surgiu um grupo de arquitetos e designers representado por Adriana Adam (1946), Carlos Lichtenfels Motta (1952; figura 41), Freddy van Camp (1946), Fúlvio Nanni Júnior (1952-1995), Maurício dos Santos Azeredo (1948; figura 42), Oswaldo Mellone (1945), entre outros.



Figura 41: *Cadeira São Paulo*, de Carlos Motta, 1982, da cidade de São Paulo. (BORGES, 2007, p. 86)



Figura 42: *Banco Ressaquinha*, de Maurício Azeredo, 1988, Pirenópolis, Goiás. (BORGES, 2007, p. 89)

Para o final do século XX, surgiu uma geração de profissionais que passou a trabalhar

a partir do expressivo desenvolvimento tecnológico que [vinha] [...] afetando o *design* de mobília [...] em termos da matéria-prima, das técnicas para produção e das novas metodologias no âmbito do projeto, incluindo-se aqui as potencialidades trazidas pela informatização. (SANTOS, 1995, p. 168)

Nesse período, foram produzidas peças, tanto seriadas quanto únicas, com mistura de diversas matérias-primas ou de madeiras brasileiras, que estimularam o mercado do móvel contemporâneo. Cabe destacar a colaboração de Reno Bonzon (1954; figura 43), Claudia Moreira Salles (1956; figura 44), Etel Carmona (figura 45), Fernando Jaeger (1956), Luciano Devià, Marcelo Ferraz (1955; figura 46), Marcelo Suzuki (1956), entre tantos outros.



Figura 43: *Cadeira Gaivota*, de Reno Bonzon, 1988, Ubatuba, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 88)



Figura 44: *Carrinho de chá Nômade*, de Claudia Moreira Salles, 1993, Valinhos, São Paulo. (BORGES, 2007, p. 95)



Figura 45: *Cadeira Jecker*, de Etel Carmona. (FIORI, 2002)



Figura 46: *Cadeira Girafa*, de Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki, 1987. (BORGES, 2007, p. 87)

2.4 A Industrialização no Brasil

Conforme Niemeyer (1998, p. 48),

a produção de cultura material brasileira tem origem no artesanato indígena, cujo universo era limitado à cestaria, à cerâmica utilitária, à pintura corporal, à arte plumária e à utilização da madeira para um pequeno leque de aplicações (canoas, remos, arcos, flechas, bancos, esteios de ocas).

Já as atividades manufatureiras, representadas pelas “charqueadas, os curtumes, a cordaria, a cerâmica [...] e a construção naval”, eram restringidas pelo mercantilismo colonial imposto pelos ingleses. Tais produções atendiam somente às necessidades dos núcleos rurais, os quais forneciam a matéria para a “produção de tecidos, objetos de couro

e madeira, incluindo móveis e peças para equipamentos de trabalho”; e dos centros urbanos, realizadas em estabelecimentos manufatureiros. A indústria de ferro em Minas Gerais, por exemplo, mesmo sofrendo com a oposição oficial, desenvolvia-se em menor escala na “produção de pequenos instrumentos de trabalho e utensílios”, habilidade essa trazida pelos escravos. (NIEMEYER, 1998, p. 49)

Do século XVII ao século XVIII,

a ausência quase completa de indústrias, a rotina da monocultura e da exploração industrial do açúcar e o caráter elementar das atividades de comércio, não criando necessidades de especialização profissional, nem exigindo trabalho tecnológico de mais alto nível, contribuíram, como outros fatores, para desvalorizar as funções manuais e mecânicas, exercidas por artesãos, escravos e libertos. (AZEVEDO, 1996, p. 276)

A partir de 1808, conforme a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), houve a abertura dos portos às nações amigas para todos e para qualquer gênero, fazendas e mercadorias. Com o fim do Pacto Colonial, além da liberação da profissão de tipógrafo, também foi instituído um alvará que passou a admitir o estabelecimento de fábricas e manufaturas, anulando a legislação de 1785, promulgada por D. Maria I, a qual proibia a instalação de fábricas e ordenava o fechamento das existentes. Em 1809, houve a isenção de impostos alfandegários para matérias-primas destinadas a manufaturas. Mesmo assim, no século XIX, a indústria brasileira progredia lentamente, ainda baseada em moldes rudimentares. Dessa forma,

as atividades no campo industrial, [...] continuavam ainda reduzidas aos engenhos de açúcar, à extração do ouro, nas Minas Gerais, e a pequenas indústrias, com seus núcleos e concentrações de artífices. A indústria que repontara, com o apoio do braço escravo, no fabrico do açúcar, no século XVII, e na exploração do ouro, no século XVIII, empreendida em larga escala, mas segundo os velhos processos importados pelos portugueses, pode-se dizer que estava ainda, no século XIX, no período crepuscular, menos que na antemã, vegetando na rotina e na tradição. (AZEVEDO, 1996, p. 725)

Ainda segundo a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), outros poucos produtos explorados eram algodão, fumo, feijão, café, derivados do gado, como o couro, e madeira, esta para a construção e reparo de barcos. Nesse mesmo período inicial do século XIX, surgiram as primeiras siderúrgicas e as fábricas têxteis.

Sobre D. Pedro II, este

foi grande incentivador da adoção de inovações tecnológicas, independente do país que as elaborasse. Coube a ele trazer para o Brasil os selos postais e o telefone, por exemplo. Entusiasta, acreditava serem as feiras (nacionais ou internacionais) importante meio de divulgação da produção industrial brasileira. O catálogo da primeira feira de produtos industriais no Brasil, aberta em 1861 na Escola Central, expressa com precisão o desenvolvimento do país naquele momento. Ali estão máquinas, prensas, ornamentos em ferro fundido para acabamento arquitetônico, mobiliário doméstico e para escritórios, artigos

de couro, vidro e cerâmica, produtos têxteis, agrícolas e muitos outros, testemunhando o esforço do empresariado brasileiro em nos aproximar dos avanços tecnológicos dos países desenvolvidos. (180 ANOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA, 2007)

Uma “figura singular que, de 1850 a 1870, procurou por todas as formas inculcar no meio brasileiro um espírito industrial, promovendo a construção de estradas de ferro, portos, fábricas e estaleiros”, foi Visconde de Mauá (Arroio Grande, Rio Grande do Sul, 28/12/1813 – Petrópolis, Rio de Janeiro, 21/10/1889), na figura 47. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129)



Figura 47: Visconde de Mauá, de origem sul-rio-grandense. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 128-129)

Mas, segundo Azevedo (1996, p. 180),

o grande impulso que tomou a imigração mediterrânea; a prosperidade que se instalou no sul, com a monocultura latifundiária, baseada no trabalho livre, e permitiu a inversão de capitais brasileiros na indústria; o afluxo em maior escala, do capital estrangeiro, e as próprias crises do café, de que resultou, entre outros efeitos, o transbordamento, dos campos para as cidades, do excessit de colonos, tudo isto concorreu vigorosamente para determinar, a partir de 1920, o maior surto industrial que registra a história econômica do país. Transforma-se a fisionomia social no Rio de Janeiro, nos grandes centros do planalto e em algumas regiões do norte e do sul, em Pernambuco e no Rio Grande; e o desenvolvimento das indústrias, o progresso dos novos meios de transportes e os fenômenos de concentração urbana não só agem diretamente sobre os hábitos de vida, a mentalidade e a própria moralidade dos grupos, mas produzem um [sic] corrente econômica poderosa, geradora de um espírito de associação de que as comunidades urbanas, já mais condensadas e de vida mais intensa, não foram senão uma de suas múltiplas manifestações.

Tais transformações não fizeram com que o Brasil retomasse “as formas comunitárias dos tempos primitivos”, ao passo que a renovação da cultura, conforme Gilberto Freyre, passou a se caracterizar, ao mesmo tempo, de forma “personalista e socialista, universalista e regionalista”. (AZEVEDO, 1996, p. 746)

No início do século XX, de acordo com a Exposição dos 180 Anos da Indústria Brasileira (2007), foi registrada a existência de 200 fábricas têxteis (1913) e de 110 usinas hidrelétricas (1919), como o exemplo da barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, situada no Rio Grande, município de Pedregulho, divisa entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais, na figura 48. Também inaugurou-se a telefonia entre Rio de Janeiro e São Paulo (1915); mais siderúrgicas eram fundadas; foi inaugurado o Correio Aéreo Brasileiro (1920); fundação das primeiras rádios em Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, como também houve a instalação da Ford no Brasil, e com ela a primeira linha de montagem de veículos automotores da América Latina, na figura 49 (no início da década de 1920). Ainda foi registrada a existência de 47.956 km de estradas de rodagem (1926), com o exemplo da rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, em vista parcial, na figura 50; e via-se o progresso da aviação (1927). Em 1920, foi realizado um

recenseamento dos setores industriais mais importantes no país mostrando os seguintes percentuais: produtos alimentares (32,9); têxtil (27); roupas e calçados (8,2); química e farmácia (5,7); bebidas (4,7); fumo (3,6); metalurgia (3,4); minerais não metálicos (2,7); couros e peles (2,5); mobiliário (1,4); e edição e serviços (0,8).

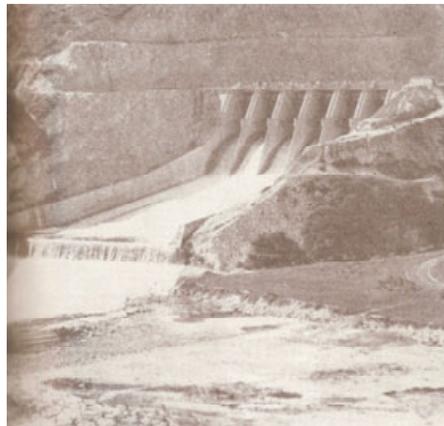


Figura 48: barragem da Usina Hidrelétrica de Estreito, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)

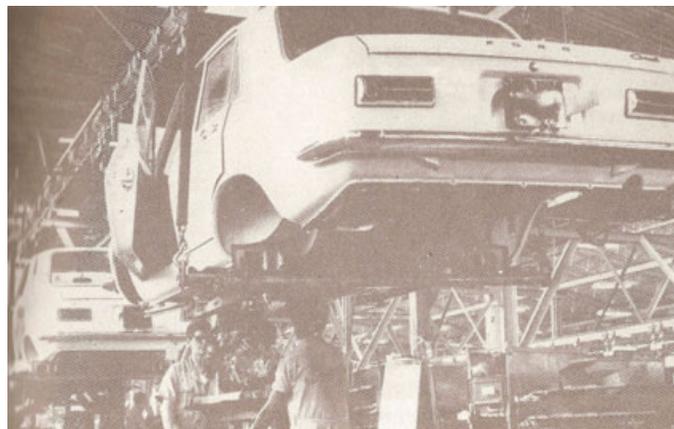


Figura 49: linha de montagem dos automóveis *Corcel* na fábrica Ford, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)



Figura 50: rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo e Belo Horizonte, foto Diários Associados. (AZEVEDO, 1996, encarte entre p. 156-157)

No decorrer das décadas de 1920 e 1930, a Inglaterra perdeu sua hegemonia para a Alemanha e os Estados Unidos. Este país, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ter mais influência sobre o Brasil, na medida em que aumentou a “importação de produtos de consumo [bem como de técnicas e soluções, em geral, menos eficazes]. Com isso houve uma estagnação da indústria nacional”. (NIEMEYER, 1998, p. 52)

O Governo de Getúlio Vargas tomou diversas iniciativas no sentido de equipar o país com indústria de base, como a exploração de minérios, a fabricação de aviões e seus motores, entre outras. (180 ANOS DA INDÚSTRIA BRASILEIRA, 2007)

Em meados do século XX, viu-se o desenvolvimento de áreas industriais ligadas à produção, principalmente, dos meios de transporte, como o automóvel e o avião; das rodovias, as quais aproximaram cada vez mais as cidades; dos meios de comunicação; além da eletricidade e do aço. Tal desenvolvimento industrial teve como impulso o apoio do projeto governamental de Juscelino Kubitschek, em 1955, sendo

alguns de seus fundamentos o ingresso de capital estrangeiro e a importação de tecnologias. [...] O Estado atuaria economicamente (pela concessão de capital), politicamente (no plano ideológico) e culturalmente (no domínio da técnica e do conhecimento), criando condições para expansão da iniciativa privada. A intervenção governamental corresponderia a uma redistribuição de papéis, na qual a divisão adequada de tarefas favoreceria a cooperação e não a concorrência entre os setores privado e público. A emancipação econômica estaria atrelada à garantia da soberania nacional, dentro de um nacionalismo desenvolvimentista em que o país, alinhado ao bloco ocidental, encontraria, dentro da ordem, o caminho do progresso. (NIEMEYER, 1998, p. 52-53)

Assim, de acordo com Niemeyer (1998, p. 57),

nos anos 50-60, o Brasil passava por um período de transição no qual havia que se criar as condições sociais para que a indústria firmasse posição como um importante setor da economia, permitindo a modernização capitalista do país. Para isso, havia também a necessidade da afirmação de uma “unidade nacional” através da valorização de nossas fontes históricas, étnicas e culturais.

Foi nesse ambiente, de busca pela modernidade, pelo progresso e por um futuro melhor, que floresceu a produção industrial moveleira no Brasil, assunto desenvolvido a partir do capítulo 3.

2.5 Relação do Desenvolvimento Brasileiro com a Produção de Móveis

Todas as transformações, de cunho social, político, econômico, artístico e educacional, no decorrer de mais de cinco séculos, propiciaram o desenvolvimento brasileiro, mesmo entre influências externas negativas, que retardaram tal progresso em várias etapas da história; ou positivas, que orientaram a busca pelo original, pelo nacional. No Brasil, viu-se, em muitos momentos, desde o período colonial, com os portugueses, os escravos africanos e os índios nativos, até as várias levas de imigrantes que no país chegaram, a mistura de diversas raças, com suas peculiaridades correspondentes aos seus países de origem, mas, que, aos poucos, foram contribuindo para a formação de uma sociedade de caráter brasileiro.

Com o aparecimento da burguesia entre a elite e a pobreza, notou-se a ascensão das relações capitalistas, com o conseqüente aumento do poder aquisitivo e a valorização da instrução educacional e das artes, destacando-se também a evolução da arquitetura que, por sua vez, revelou maiores preocupações com o seu interior, principalmente, quanto ao mobiliário. Outros fatores são considerados importantes, já nas primeiras décadas do século XX, como o processo de urbanização e o surgimento de um proletariado urbano. Tais características contribuíram para o desenvolvimento da industrialização, ainda mais depois da Segunda Guerra Mundial, em diversas áreas, incluindo a produção moveleira.

Particularmente sobre o ensino, este promoveu, desde o século XIX, o surgimento das faculdades e, mais tarde, das universidades, as quais atingiram os conhecimentos ligados à prática e à técnica, possibilitando a criação de novos cursos, como o próprio Design, nas mais variadas regiões do Brasil, já em meados do século XX.

Quanto à cultura de massa, viu-se o desenvolvimento de meios e técnicas que contribuíram para a propagação de informações, costumes, modismos, entre outras características, que influenciaram a vida das pessoas nos quatro cantos do país. Por exemplo, a importância da

televisão, a qual tem como fator principal a divulgação da informação por intermédio da imagem, onde inclusive a publicidade passou a investir, promovendo produtos.

Dessa forma, foram abordados assuntos que contribuíram com o desenvolvimento brasileiro como um todo, particularmente sobre aqueles que incentivaram o progresso da industrialização e que, conseqüentemente, fizeram ascender a produção moveleira no Brasil.

Cabe destacar ainda que as imigrações decorrentes da Alemanha e da Itália, principalmente, que se instalaram no Rio Grande do Sul, fomentaram o desenvolvimento da industrialização na região e a produção de móveis, isso já no início do século XX. Nessa época, passaram a se sobressair algumas cidades da serra gaúcha, de colonização italiana, que, hoje, são consideradas pólos moveleiros do Brasil, com várias indústrias de renome, como é o caso de Bento Gonçalves e Flores da Cunha. Essas cidades serão objetos do enfoque principal deste trabalho. Tais assuntos podem ser conferidos a partir do item 3.2.

3 O Design e a Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

Neste capítulo, buscou-se destacar assuntos relacionados ao design e à indústria moveleira, partindo da caracterização da indústria de móveis no Brasil, para, então, explanar sobre o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul. Salientam-se as influências das colonizações alemã e italiana, a industrialização em si relacionada ainda ao design e ao comércio, a indústria moveleira, a institucionalização do design e os principais escritórios de design integrantes do cenário sul-rio-grandense.

3.1 A Indústria de Móveis no Brasil

Sobre a indústria de móveis no Brasil, foram abordados assuntos referentes às características gerais desse setor e aos panoramas internacional e do mercado brasileiro.

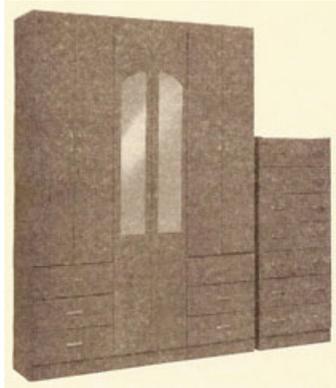
3.1.1 Características Gerais do Setor Moveleiro

De acordo com Gorini (2000, p. 14),

a indústria de móveis caracteriza-se pela reunião de diversos processos de produção, envolvendo diferentes matérias-primas e uma diversidade de produtos finais, e pode ser segmentada, principalmente, em função dos materiais com que os móveis são confeccionados (madeira, metal e outros), assim como de acordo com os usos a que são destinados (em especial, móveis para residência e para escritório). Além disso, devido a aspectos técnicos e mercadológicos, as empresas, em geral, são especializadas em um ou dois tipos de móveis, como, por exemplo, de cozinha e banheiro, estofados, entre outros.

Sobre os móveis de madeira, os quais representam a maioria da produção, podem ser segmentados em móveis retilíneos, com formas mais simples e lisas, confeccionados em aglomerados e/ou compensados, como ilustra a figura 51; e em móveis torneados, com formas retas associadas às curvilíneas e presença de detalhes, produzidos em madeira

maciça ou MDF (Medium Density Fiberboard / Painel de Fibras de Média Densidade), na figura 52; características correspondentes à década de 1990.



Figuras 51 e 52: móveis com design retilíneo, geralmente de aglomerado; e móveis de madeira maciça que misturam formas retas e torneadas; respectivamente. (GORINI, 2000, p. 15)

Alguns fatores que influenciam a demanda por móveis são, por exemplo, “o nível de renda da população, [...] o comportamento de alguns setores da economia [como a construção civil], [...] as mudanças no estilo de vida da população, os aspectos culturais, o ciclo de reposição, o investimento em marketing [...], entre outros”. (GORINI, 2000, p. 14)

Entre os fatores de competitividade da indústria de móveis, alguns serão tratados especificamente no item 3.1.3.3, como: tecnologia, “novas matérias-primas, design, especialização da produção, [e] estratégias comerciais e de distribuição [...]”. A dinâmica das inovações baseia-se, principalmente, naquelas que se referem ao produto, através do aprimoramento do design e da utilização de novos materiais”. (GORINI, 2000, p. 14)

3.1.2 Panorama Internacional

De acordo com Gorini (2000, p. 16), para incrementar a produtividade da indústria moveleira, como também para aumentar a flexibilização dos processos de produção, houve a introdução de novos equipamentos automatizados que proporcionaram uma diversificação de tipos de produtos. Esses passaram a ser fabricados em série, distanciando-se dos meios artesanais. Outro fator caracterizou-se pelo aumento de produtores de subsistemas para móveis, fornecedores de pequenas e médias empresas, que vendem suas peças para grandes indústrias, as quais são especializadas em desenvolver a produção final, como ocorre na Europa e nos Estados Unidos. Neste último país, por exemplo, “o mercado para componentes está em constante crescimento, cabendo destacar o expressivo incremento do consumo de molduras de madeira [figura 53]: de 1,3 milhão de m³ em 1990 para 2,6 milhões de m³ em 1996”. (GORINI, 2000, p. 21)

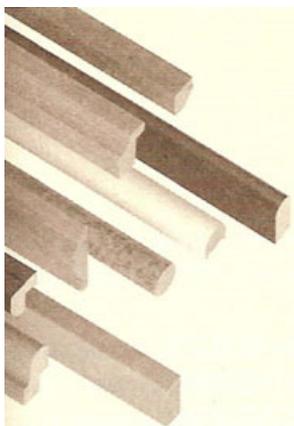


Figura 53: molduras de madeira. (GORINI, 2000, p. 21)

Quanto aos materiais, neste panorama, as indústrias têm buscado implementar matérias-primas na sua produção, como foi o caso do MDF, identificado na figura 54, e outros “materiais para revestimento e novas madeiras reflorestáveis”, como o pínus e o eucalipto. Com o proveito de tecnologias modernas, tem se eliminado a maioria dos empecilhos proporcionados por essas madeiras menos nobres, e as suas aplicações estão se tornando uma tendência, em função do estímulo pelo uso de madeiras de reflorestamento conseqüente da consciência ambiental atual. Sobre o eucalipto, por exemplo, esta madeira está sendo utilizada “em países como Nova Zelândia, Austrália, Chile, entre outros, para a confecção de móveis”. Já “na Malásia, Indonésia, Filipinas e Ceilão, [...] [começaram] a surgir móveis feitos de seringueira”. Tal variedade tem proporcionado a mistura de diferentes materiais num mesmo móvel, como ilustra a figura 55. Além da madeira, há o uso de metais, vidro, pedras e couro, o que barateia o custo final e mantém o nível de qualidade do móvel. É o que acontece com “o sofisticado design do móvel italiano”, o qual busca a distinção por meio da exclusividade. Como exemplo, a figura 56. (GORINI, 2000, p. 16)

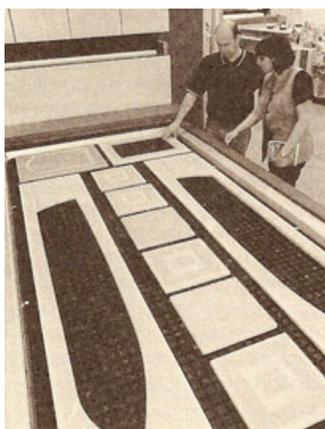
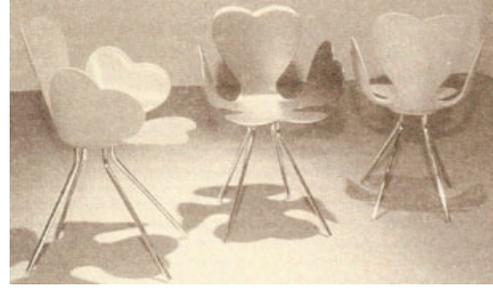


Figura 54: peças em MDF. (GORINI, 2000, p. 18)



Figuras 55 e 56: móvel italiano com combinação de diferentes materiais (GORINI, 2000, p. 28), e cadeiras com design italiano (GORINI, 2000, p. 18), respectivamente.

Sobre tais transformações, elas

tiveram grande influência sobre o mercado consumidor, colaborando para a sua expansão. A massificação do consumo ocorreu em muitos segmentos da indústria moveleira, especialmente no de móveis lineares (retilíneos) confeccionados a partir de painéis de madeira reconstituída, [...] [os quais] vêm perdendo a característica de bens duráveis,

à medida que os preços finais foram reduzidos, característica considerada “como um importante fator de competitividade no setor”. Outras transformações: mudança no estilo de vida da sociedade moderna, a qual busca maior funcionalidade e conforto; facilidades de montagem (exemplo na figura 5), em que o próprio usuário pode executá-la, barateando o custo do produto, como também do frete; e utilização de materiais ecologicamente corretos, como madeiras de reflorestamento. É o que ocorre nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. (GORINI, 2000, p. 16-17)



Figura 57: móveis desmontáveis. (GORINI, 2000, p. 18)

Já outros países, como Taiwan, especializaram-se

em segmentos do mercado [...] [como os de] móveis em metal, com maior valor agregado, em pequenos volumes e grande diversidade de estilos. Nesse segmento, a obtenção de patentes para novos estilos é mais fácil quando a comparação é feita com os móveis de madeira, que possuem maior número de estilos já patenteados. (GORINI, 2000, p. 17)

O maior produtor mundial de móveis é representado pelos Estados Unidos (31%), seguido pela Alemanha (12%) e Itália (10%), dados de 1996. “Os mercados consumidores mais importantes também se concentram nos países desenvolvidos, cabendo destacar Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Japão e Espanha, responsáveis por mais de 80% do consumo mundial”, conforme a tabela 2. (GORINI, 2000, p. 19)

Quanto à produção da União Européia, “Alemanha, Itália, França e Reino Unido [na figura 58] respondem por mais de 70% do valor total”. (GORINI, 2000, p. 24)

Tabela 2 – Principais Países Produtores e Consumidores de Móveis / 1996

PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES E CONSUMIDORES DE MÓVEIS – 1996					
PAÍS	CONSUMO APARENTE (US\$ Milhões)	%	PRODUÇÃO (US\$ Milhões)	%	
Estados Unidos	58.739	37,7	48.660	31,2	
Alemanha	19.177	12,3	18.414	11,8	
França	12.112	7,8	7.502	4,8	
Itália	11.921	7,7	16.368	10,5	
Reino Unido	10.052	6,5	7.502	4,8	
Japão	6.927	4,4	-	-	
Espanha	6.559	4,2	4.092	2,6	
Subtotal	125.487	80,6	102.538	65,8	
Outros	30.242	19,4	53.191	34,2	
Total	155.729	100,0	155.729	100,0	

Fonte: STCP/Staglorio, UNSO/ITC; ITTO/ITC, Internet: www.ib.br/furniture-eu/statistics/eu-stat.htm.
Elaboração: BNDES

Fonte: GORINI, 2000, p. 20 (grifo nosso)

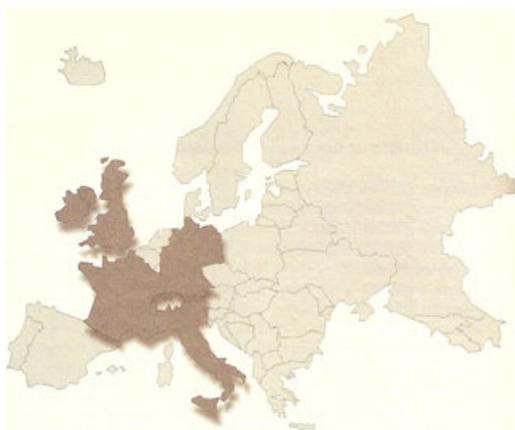


Figura 58: em destaque, os seguintes países: Alemanha, Itália, França e Reino Unido. (GORINI, 2000, p. 24)

Sobre as exportações mundiais de móveis, Itália, Alemanha e Estados Unidos somavam, em 1995, mais de 40% do mercado, como pode ser observado na tabela 3. A Itália é o maior país exportador, “que exibe o menor grau de dependência em relação ao comércio exterior de móveis, sendo competitiva em todos os segmentos desse mercado, [...] [e] seu grande sucesso deve-se ao design, [...] à qualidade de seus móveis [e] [...] ao preço

competitivo de seus produtos”. Nota-se a concentração do mercado exterior de móveis nos países desenvolvidos. Como conseqüência do “déficit crescente no comércio exterior de muitos desses países [...], tem [se] aberto um espaço significativo para a penetração das exportações dos países em desenvolvimento, [...] como China, Taiwan, Malásia, México e Indonésia”, os quais somaram 15% das exportações, como também o próprio Brasil passou a ingressar nesse mercado, com 0,8%, dados de 1995. (GORINI, 2000, p. 29)

Tabela 3 – Evolução das Exportações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/95

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MÓVEIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES – 1993/95						
(Em US\$ Milhões)						
PAÍSES	1993	%	1994	%	1995	%
Itália	5.797	17	6.735	20	8.366	21
Alemanha	4.090	12	4.356	13	4.882	12
Estados Unidos	3.309	10	3.729	11	3.806	9
Canadá	1.693	5	2.180	6	2.620	7
Dinamarca	1.599	5	1.786	5	2.160	5
França	1.649	5	1.808	5	2.080	5
China	1.083	3	1.496	4	1.765	4
Taiwan	1.840	5	1.800	5	1.764	4
Bélgica	1.409	4	1.499	4	1.622	4
Suécia	850	2	1.014	3	1.391	3
Subtotal: 10 Maiores	23.319	68	26.403	77	30.456	76
Polónia	581	2	895	3	1.338	3
Reino Unido	916	3	1.109	3	1.338	3
Espanha	553	2	729	2	1.036	3
Países Baixos	877	3	878	3	959	2
Malásia	566	2	769	2	916	2
México	659	2	851	2	897	2
Indonésia	676	2	784	2	866	2
Áustria	651	2	715	2	817	2
Suíça	629	2	646	2	778	2
Hong Kong	569	2	709	2	770	2
TOTAL	29.996	87	34.488	100	40.171	100

Fontes: Csil - Centre for Industrial Studies (Milano), em Abimóvel, e Consultoria Jaakko Poyry.

Fonte: GORINI, 2000, p. 30 (grifo nosso)

Até 1980, os países em desenvolvimento apenas forneciam madeira bruta para os desenvolvidos, ocorrendo, assim, o mercado internacional de produtos acabados somente entre estes últimos. A partir de então, aqueles países investiram na sua produção para competir no comércio mundial, por meio de produtos com valor agregado, ou seja, móveis finalizados. Como exemplo, tem-se o caso de Taiwan, país que “apresenta uma estrutura produtiva apoiada em [...] matérias-primas [...] [como o] metal”, com exemplo de móvel na figura 59. “Entre os principais produtos comercializados internacionalmente, destacam-se cadeiras e mesas para escritório”, na figura 60. (GORINI, 2000, p. 33)



Figuras 59 e 60: móvel de Taiwan desenvolvido em metal, e cadeiras e mesas para escritório, respectivamente. (GORINI, 2000, p. 33)

Quanto às importações, Estados Unidos, Alemanha, Japão, França e Reino Unido somam mais de 60%, como mostra a tabela 4.

Tabela 4 – Evolução das Importações Mundiais de Móveis segundo os Principais Países / 1993/96

EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE MÓVEIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES – 1993/96 (Em US\$ Milhões)								
PAÍSES	1993	%	1994	%	1995	%	1996	%
Estados Unidos	6.905	23	8.290	24	9.128	23	10.200	24
Alemanha	5.007	17	5.715	16	6.584	17	6.846	16
Japão	1.933	7	2.677	8	3.155	8	3.453	8
França	2.474	8	2.738	8	3.206	8	3.378	8
Reino Unido	1.614	5	1.746	5	1.915	5	2.209	5
Canadá	1.740	6	1.912	5	1.985	5	1.951	5
Bélgica	1.340	5	1.546	4	1.776	5	1.859	4
Países Baixos	1.458	5	1.611	5	1.738	4	1.841	4
Suíça	1.386	5	1.544	4	1.857	5	1.826	4
Austria	1.100	4	1.245	4	1.455	4	1.596	4
Subtotal: 10 Maiores	24.957	84	29.024	83	32.799	83	35.159	83
Federação Russa	451	2	997	3	1.157	3	1.244	3
Hong Kong	791	3	967	3	997	3	1.055	2
Suécia	617	2	764	2	850	2	751	2
Itália	537	2	582	2	699	2	740	2
Noruega	447	2	506	1	611	2	651	2
Espanha	436	1	509	1	555	1	630	1
México	446	2	613	2	449	1	582	1
Cingapura	287	1	370	1	447	1	512	1
Dinamarca	294	1	359	1	443	1	473	1
Austrália	280	1	346	1	370	1	423	1
Total	29.543	100	35.037	100	39.377	100	42.220	100

Fontes: Csil - Centre for Industrial Studies (Milano), em Abimóvel, e Consultoria Jaakko Poyry.

Fonte: GORINI, 2000, p. 31 (grifo nosso)

No que se refere aos tipos de móveis comercializados, em média mais de 30% do valor das importações mundiais são assentos e cadeiras, ficando o restante para móveis diversos.

Ademais, a participação dos móveis de madeira gira em torno de 40% do total das importações, móveis de metal 8%, móveis de plástico 1% e móveis de outras matérias-primas 3%. Cabe destacar, ainda, que partes de madeira e outras matérias-primas têm um peso significativo: em torno de 9% do total das importações. (GORINI, 2000, p. 32)

“No caso do Japão, destacam-se as importações de móveis de outras matérias-primas, como bambu, vime e junco”, com um exemplo de móvel importado na figura 61. (GORINI, 2000, p. 33)



Figura 61: móvel em materiais diversos importado pelo Japão. (GORINI, 2000, p. 33)

Nos últimos dez anos, de acordo com IEMI (2006a, p. 13-17), a indústria moveleira passou por grandes transformações, com “crescimento anual médio de 9%”. Cabe destacar os Estados Unidos, onde a produção de 31,2% passou para 21,3%; o consumo de 37,7% para 28,6%; a exportação de 9% para 3,6%; e a importação de 24% para 28,6%. Já a China tornou-se “o maior fornecedor do mercado americano”, onde a exportação passou de 4% para 16,8%, assumindo o primeiro lugar no ranking dos principais países exportadores de móveis, desbancando a Itália para o segundo lugar. O Brasil tem como produção 2,3%, consumo 2%, exportação 1,2% e importação 0,2% (em 2005). Os exemplos dados podem ser verificados na comparação das tabelas 2, 3 e 4, de 1995/1996, com as tabelas 5 e 6, de 2005, a seguir, quanto à produção e ao consumo, e quanto à importação e à exportação mundial do mobiliário, respectivamente. Há também o mapa, figura 62, que “ilustra a concentração da produção nas diferentes regiões do planeta”. O gráfico 1 mostra “o ranking dos principais exportadores mundiais de móveis”.

Tabela 5 – Produção e Consumo Mundial de Móveis em 2005

Produção e consumo mundial de móveis em 2005 (US\$ milhões)
Global production and consumption of furniture in 2005 (US\$ million)

Regiões/principais países produtores <i>Main producing regions/countries</i>	Produção (US\$ milhões)	Part. %	Consumo (US\$ milhões)	Part. %
	<i>Production (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>	<i>Consumption (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>
Europa / Europe	104.639	38,8%	103.912	38,0%
União Européia / European Union	102.628	38,0%	99.579	36,4%
Noruega e Suíça / Norway and Switzerland	2.011	0,7%	4.333	1,6%
Leste Europeu e Rússia / Eastern Europe and Russia	6.150	2,3%	6.390	2,3%
Ásia e Pacífico / Asia and Pacific	75.764	28,1%	60.445	22,1%
China / China	37.965	14,1%	24.993	9,1%
Japão / Japan	12.356	4,6%	15.511	5,7%
Outros / Others	25.443	9,4%	19.941	7,3%
Oriente Médio e África / Middle East and Africa	3.448	1,3%	4.336	1,6%
América do Norte / North America	72.191	26,7%	91.383	33,4%
Estados Unidos / United States	57.371	21,3%	78.243	28,6%
Canadá / Canada	11.723	4,3%	10.784	3,9%
México / Mexico	3.097	1,2%	2.356	0,9%
América do Sul / South America	7.800	2,9%	6.918	2,5%
Brasil / Brazil	6.314	2,3%	5.474	2,0%
Outros / Others	1.486	0,6%	1.444	0,5%
Total / Total	269.992	100,0%	273.384	100,0%

Fonte: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI - Source: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 14 (grifo nosso)

Tabela 6 – Importação e Exportação Mundial de Mobiliário em 2005

Importação e exportação mundial de mobiliário em 2005 (US\$ milhões)
Global imports and exports of furniture in 2005 (US\$ million)

Regiões/principais países produtores <i>Main producing regions/countries</i>	Importação (US\$ milhões)	Part. %	Exportação (US\$ milhões)	Part. %
	<i>Imports (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>	<i>Exports (US\$ Million)</i>	<i>Part. %</i>
Europa / Europe	42.649	50,8%	43.376	54,2%
União Européia / European Union	39.335	46,9%	42.384	52,9%
Noruega e Suíça / Norway and Switzerland	3.313	4,0%	992	1,2%
Leste Europeu e Rússia / Eastern Europe and Russia	2.623	3,1%	2.383	3,0%
Ásia e Pacífico / Asia and Pacific	8.927	10,6%	23.793	29,7%
China / China	479	0,6%	13.451	16,8%
Japão / Japan	3.660	4,4%	506	0,6%
Outros / Others	4.788	5,7%	9.836	12,3%
Oriente Médio e África / Middle East and Africa	1.673	2,0%	785	1,0%
América do Norte / North America	27.771	33,1%	8.579	10,7%
Estados Unidos / United States	23.765	28,3%	2.893	3,6%
Canadá / Canada	3.478	4,1%	4.417	5,5%
México / Mexico	528	0,6%	1.269	1,6%
América do Sul / South America	270	0,3%	1.152	1,4%
Brasil / Brazil	154	0,2%	994	1,2%
Outros / Others	116	0,1%	158	0,2%
Total / Total⁽¹⁾	83.912	100,0%	80.068	100,0%

Fonte: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI
 Nota: (1) Não inclui colchões.

Source: CSIL/Eurostat/Secex/DataIntal/IEMI
 Note: (1) Does not include mattresses.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 16 (grifo nosso)

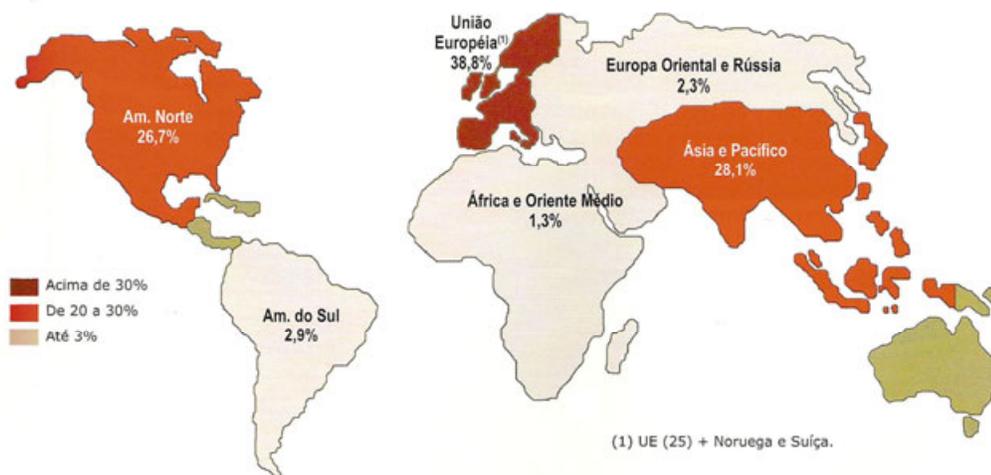
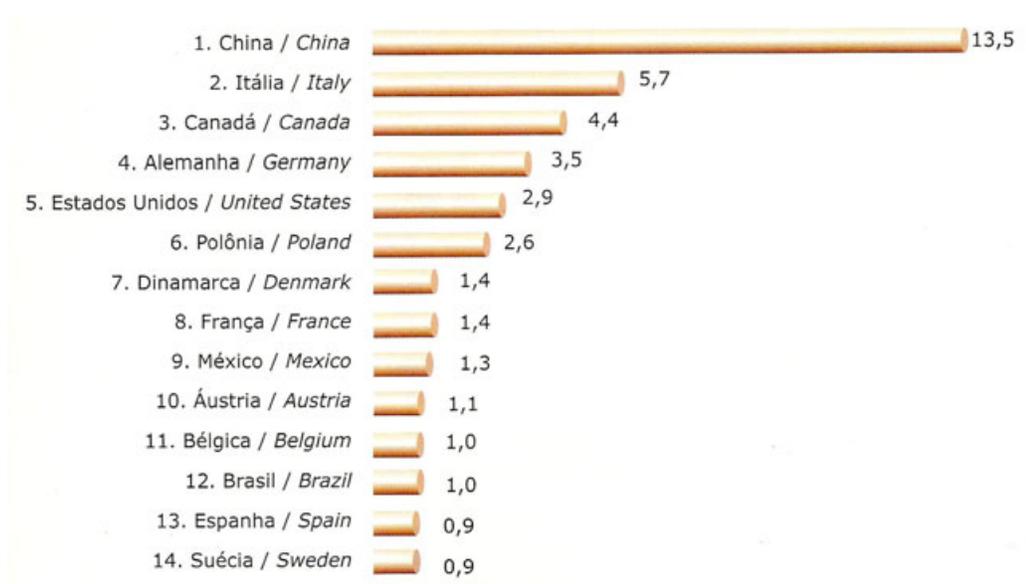


Figura 62: concentração da produção em diferentes regiões do planeta. (IEMI, 2006a, p. 13)

Gráfico 1 – Ranking dos Principais Exportadores Mundiais de Móveis



Fonte: IEMI, 2006a, p. 17

No caso dos Estados Unidos, tal país exporta pouco, já que produz

internamente pouco para os padrões de consumo local (apesar de ainda serem o país de maior produção, em todo o mundo). Com a globalização, grandes empresas americanas, decidiram transferir suas fábricas para países que oferecessem custos menores de produção. No caso particular da indústria do mobiliário, áreas que reunissem o fácil acesso às matérias-primas (principalmente a madeira), e baixos custos de mão-de-obra. (IEMI, 2006a, p. 22)

Quanto à União Européia, quando somados os 25 países que a compõem,

supera os EUA e se qualifica como maior mercado produtor, consumidor, importador e exportador do mundo. Sua participação vai de 37% do consumo mundial, a 38% da produção, 47% das importações e 53% das exportações. É hoje, portanto, o maior palco do mercado moveleiro mundial [como foi observado nas tabelas 5 e 6]. (IEMI, 2006a, p. 26)

Já o mercado da América do Sul, resume-se ao mercado brasileiro, que é representante de “cerca de 81% da produção sul americana, 57% das importações, 86% das exportações e 79% do consumo”. (IEMI, 2006a, p. 30)

3.1.3 Panorama do Mercado Brasileiro

Segundo Alievi e Vargas (2002, p. 178-180), o desenvolvimento da indústria de móveis no Brasil ocorreu de acordo com as oscilações da economia brasileira, passando por momentos de “excepcional crescimento [...] [ou] de acentuada retração em termos de produção e emprego”. Entre as décadas de 1920 e 1940, “o crescimento do setor foi significativo, particularmente no segmento de móveis de madeira”; quando também houve um aumento do número de pessoal ocupado de 270%. A partir da década de 1970, o setor moveleiro “passou por um importante ciclo de modernização impulsionado pelo crescimento acelerado do mercado interno”, além de “um aumento considerável no emprego industrial”, “apesar da redução significativa no número de estabelecimentos”. Somente após o desenvolvimento interno, houve a busca pelas vendas no mercado externo, iniciada na década de 1980. Nesse período, mesmo com a revolução na microeletrônica, apenas algumas empresas líderes do setor de móveis puderam adquirir máquinas com CNC (Controlador Numérico Computadorizado), pelo menos para algumas etapas do processo produtivo, pois, com a contração do mercado interno, as empresas brasileiras não tinham capacidade de investimento. Mas, a partir da década de 1990, ocorreu o “processo de modernização do setor moveleiro no Brasil”, como consequência da “busca de novos canais de comercialização no mercado externo, aliada ao processo de abertura da economia brasileira”. Tais características implicaram “mudanças significativas tanto na estrutura produtiva, como nas estratégias de inovação adotadas em diferentes segmentos da indústria nacional, [...] [cabendo destacar] uma redução significativa nos custos de importação de bens de capital que incentivou a gradativa substituição da produção doméstica de máquinas e equipamentos”.

No Brasil, ainda há um contraste entre a maioria de indústrias “desatualizadas tecnologicamente e com baixa produtividade” e a minoria com máquinas de alta tecnologia, geralmente importadas da Itália e da Alemanha. Mas lentamente esse perfil vem mudando ao longo dos anos, principalmente a partir da década de 1990. (GORINI, 2000, p. 34)

A pesquisa realizada pelo IEMI (2006a, p. 48) revela que

o parque de máquinas utilizado pela indústria do mobiliário pode ser considerado como bastante novo pelos padrões internacionais, já que a idade média dos equipamentos é de

8,4 anos, inferior aos da Itália (com média de 12 anos) e Estados Unidos (9,6 anos), mas inferior ao da indústria chinesa de Guangdong, onde a idade média é 7,5 anos,

como mostra a tabela 7.

Tabela 7 – Parque de Máquinas Instalado / 2005

Parque de máquinas instalado - 2005 <i>Installed machine park - 2005</i>						
Máquinas instaladas <i>Machines installed</i>	Total (2005) <i>Total (2005)</i>	Distribuição das máquinas por faixa de idade <i>Distribution of machines by age bracket</i>				
		Até 2 anos <i>Up to 2 years</i>	3 a 5 anos <i>3 to 5 years</i>	6 a 10 anos <i>6 to 10 years</i>	10 a 15 anos <i>10 to 15 years</i>	+ de 15 anos <i>+ than 15 years</i>
Serrar / Saw						
Destopadeira / Buzz saw	3.674	7,2%	35,1%	32,7%	14,4%	10,6%
Serra circular / Circular saw	12.632	3,7%	25,5%	39,0%	15,6%	16,3%
Seccionador / Panel saw	1.379	13,0%	35,5%	34,8%	8,7%	8,0%
Esquadrejadeira / Sliding table saw	8.972	4,9%	25,3%	37,7%	19,8%	12,3%
Perfiladeira esquadrejadeira <i>Sliding table shaper saw</i>	1.073	15,3%	21,6%	36,0%	18,0%	9,0%
Serra de fita / Band saw	9.458	1,7%	20,4%	34,3%	21,5%	22,1%
Outras de serrar / Other saws	1.946	13,1%	35,2%	24,6%	20,5%	6,6%
Lixar / Sand						
Lixadeira de cinta/banda larga <i>Wide belt sander</i>	9.259	5,9%	33,9%	37,6%	11,7%	11,0%
Lixadeira de bordas / Edge sander	3.143	7,1%	43,2%	32,8%	12,0%	4,9%
Lixadeira calibradora / Calibrating sander	625	5,9%	44,1%	32,4%	11,8%	5,9%
Outras lixadeiras / Other sanders	6.461	24,3%	38,0%	21,1%	13,4%	3,3%
Fazer espigas/ranhuras/fresas/etc – Makes spikes/grooves/angles/etc						
Respigadeira / Router	2.419	3,3%	27,3%	41,3%	19,0%	9,1%
Tupia / Shaper	10.699	4,5%	26,5%	36,4%	17,9%	14,7%
CNC / CNC	710	13,7%	34,3%	31,4%	17,6%	2,9%
Perfiladeira / Sliding table shaper	610	0,0%	43,1%	21,6%	23,5%	11,8%
Desengrossadeira / Planer	7.206	2,8%	22,1%	37,6%	17,4%	20,2%
Desempenadeira / Trowel	8.323	2,0%	19,3%	38,1%	18,0%	22,5%
Plaina 4 faces / 4 side planer	1.909	11,2%	32,0%	34,9%	17,2%	4,7%
Outras máquinas / Other machines	995	22,2%	18,5%	38,9%	5,6%	14,8%
Colar / Glue						
Coladeira de bordas / Edge gluer	2.114	13,7%	36,6%	34,6%	7,2%	7,8%
Outras de colar / Other gluers	502	18,2%	41,8%	29,1%	7,3%	3,6%
Furar / Drill						
Furadeira múltipla / Multiple drill	4.422	13,2%	34,5%	39,0%	6,6%	6,6%
Outras furadeira / Other drills	13.368	7,9%	29,6%	29,2%	18,5%	14,8%
Montar / Assemble						
Mesa/prensa de montagem <i>Assembly table/press</i>	7.759	8,8%	24,9%	38,3%	14,7%	13,1%
Outros tipos / Other types	2.694	15,5%	23,3%	40,1%	12,9%	8,2%
Outras / Others						
Diversas / Diverse	9.898	8,4%	29,2%	37,7%	12,3%	12,4%
Total de máquinas / Total machines	132.253	8,4%	29,2%	35,5%	14,6%	12,2%

Fonte: IEMI - Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 48

Outro fator pode ser representado pela “elevada verticalização da produção doméstica”, em função de existirem poucas empresas que produzem “partes, componentes e produtos semi-acabados para móveis”, o que aumenta os custos industriais. (GORINI, 2000, p. 34)

Cabe destacar ainda a grande informalidade existente no país, [...] [o que] gera ineficiência em toda a cadeia industrial, dificultando, por exemplo, a introdução de normas técnicas que

atuariam na padronização dos móveis, assim como das suas partes e componentes intermediários. (GORINI, 2000, p. 34)

Algumas dificuldades, exemplificadas a seguir, impedem uma maior “difusão de novas matérias-primas, [...] como as madeiras reflorestáveis, em que o país teria grandes vantagens competitivas pela dimensão das florestas plantadas”:

- a) fácil acesso às florestas nativas;
- b) carência de fornecedores experientes no plantio especializado, assim como no processamento primário e secundário da madeira (essas últimas etapas exigem elevados investimentos na secagem e corte);
- c) baixos investimentos no projeto e no design moveleiro, gerando pequena demanda da indústria por novos materiais;
- d) inexistente interação da indústria moveleira com o consumidor final, prejudicando a identificação de novas tendências de mercado. (GORINI, 2000, p. 34)

Sobre as madeiras de eucalipto e de pínus (como as espécies *Eucalyptus grandis* e *Eucalyptus cloeziana*, *Pinus taeda* e *Pinus elliotti*, boas para produção de móveis, conforme IBAMA e UNB, 2007, e MARTO, 2006, respectivamente), essas ainda encontram empecilhos para serem adotadas no setor moveleiro, no que se refere ao seu plantio e processamento, mas há uma busca permanente pela inclusão, cada vez mais significativa, dessas madeiras na indústria moveleira. Já o MDF, o qual passou a ser produzido no Brasil desde 1997, tem alcançado a maior parte do mercado, principalmente as grandes empresas, pois oferece vantagens como a “queda dos índices de refugo; da frequência e custo de manutenção; menores custos de transporte, decorrentes do menor peso do produto final; além do aumento da velocidade operacional”. (GORINI, 2000, p. 35)

Esses investimentos em matérias-primas têm, por conseqüências, o aumento da produtividade e da qualidade do produto final, bem como a redução do preço do mesmo frente ao consumidor. “A distribuição e a assistência técnica são áreas que também podem melhorar muito no Brasil”. (GORINI, 2000, p. 35)

A figura 63, a seguir, “resume a estrutura da cadeia produtiva da indústria de móveis no Brasil”. (IEMI, 2006a, p. 32)

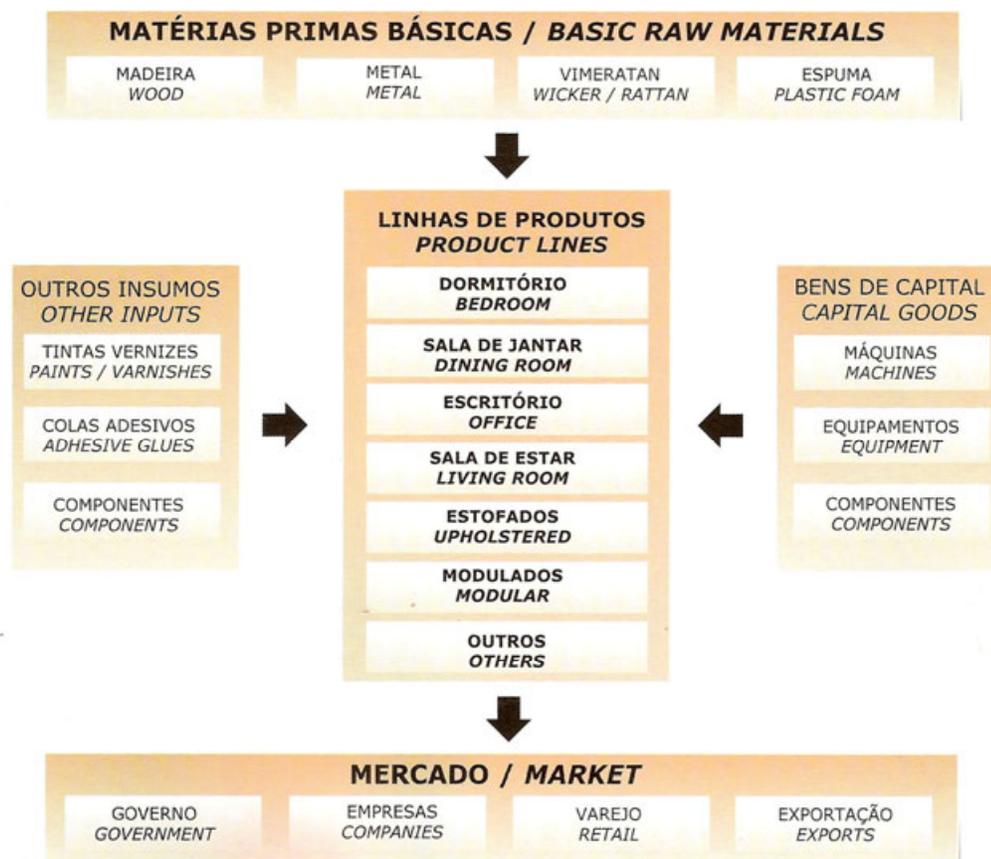


Figura 63: estrutura da cadeia produtiva da indústria moveleira no Brasil. (IEMI, 2006a, p. 32)

Sobre a distribuição, os principais canais correspondem às lojas especializadas e às lojas de departamentos, conforme IEMI (2006a, p. 56), na tabela 8.

Tabela 8 – Canais de Distribuição por Tipo de Móvel

Canais de distribuição por tipo de móvel <i>Channels of distribution by furniture type</i>				
Canais de distribuição <i>Channels of distribution</i>	Por tipo de móvel / By type of furniture			
	Residenciais <i>Home</i>	Escritórios <i>Office</i>	Total Móveis <i>Total Furniture</i>	Colchões <i>Mattresses</i>
Lojas especializadas <i>Specialized stores</i>	31,4%	37,6%	33,0%	33,4%
Lojas de departamento <i>Department stores</i>	31,8%	30,9%	30,1%	40,4%
Na fábrica (sob desenho) <i>In-Factory (by design)</i>	11,3%	6,4%	10,6%	2,4%
Lojas próprias/franquias <i>Own/franchised stores</i>	4,8%	8,1%	4,7%	1,9%
Atacado / Wholesale	1,9%	3,9%	2,9%	4,2%
Mercado Corporativo/Governamental <i>Corporate/Government Market</i>	1,9%	0,6%	1,9%	0,1%
Hipermercados <i>Hypermarkets</i>	1,1%	0,3%	1,0%	-
Outros mercados internos <i>Other domestic markets</i>	0,3%	1,4%	0,6%	-
Educação / Education	0,3%	0,3%	0,4%	0,2%
Exportação / Exports	15,2%	10,5%	14,8	17,4%
Total / Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

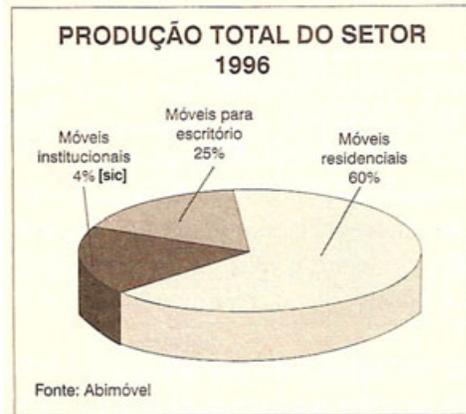
Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 56 (grifo nosso)

3.1.3.1 Produção, consumo e emprego no Brasil

Quanto à industrialização moveleira no Brasil, os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul (mais dados sobre este Estado podem ser verificados nos itens 3.1.3.2 e 3.6), Santa Catarina e Paraná, são responsáveis por 82% da produção, sendo “São Paulo e Rio Grande do Sul, segundo a ABIMÓVEL [Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário], responsáveis, respectivamente, por 42% e 18%”. Do total da produção, os móveis residenciais são os mais fabricados (60%), seguidos dos móveis para escritório (25%) e móveis institucionais (15%), estes “para escolas, consultórios médicos, hospitais, restaurantes, hotéis e similares”, conforme o gráfico 2. (GORINI, 2000, p. 36)

Gráfico 2 – Produção Total do Setor / 1996



Fonte: GORINI, 2000, p. 37

Sobre o porte das indústrias brasileiras, a classificação ocorre

em função do número de empregados, considerando como base a Lei 7.256 de 1984, utilizada pelo SEBRAE para classificar as empresas industriais em microempresas – até 19 empregados, pequenas – de 20 a 99 empregados, médias – de 100 a 499 empregados e grandes empresas com mais de 500 empregados. (SONAGLIO, 2006, p. 56)

Do total dos estabelecimentos registrados, as micro e pequenas empresas são a maioria, somando 88%, com “33% do emprego total e apenas 16% do valor bruto da produção industrial”; 12% correspondem às empresas de porte médio, com “60% do emprego total e em torno de 75% do valor bruto da produção”. (GORINI, 2000, p. 36)

A produção nacional supre praticamente quase toda a necessidade de consumo do país, e “os principais centros consumidores são as regiões Sul e Sudeste”. Também é nessas regiões que se concentra o maior número de indústrias moveleiras, como mostra a tabela 9, a qual revela os produtos fabricados pelas empresas segundo a sua localização, e o mapa, na figura 64, dados de 2005. Já a tabela 10 apresenta as empresas segundo sua política de produção. (GORINI, 2000, p. 36)

Tabela 9 – Empresas segundo sua Localização e Produtos Fabricados

Empresas segundo sua localização e produtos fabricados
Companies according to location and products manufactured

Regiões e Pólos <i>Regions and Centers</i>	Escritório <i>Office</i>	Dormitório <i>Bedroom</i>	Jantar <i>Dining Room</i>	Estar <i>Living Room</i>	Estofados <i>Upholstered</i>	Modulados <i>Modular</i>	Outros <i>Others</i>	Colchões <i>Mattresses</i>
Norte /Nordeste <i>North / Northeast</i>	21,4%	42,9%	21,4%	21,4%	14,3%	21,4%	28,6%	15,6%
Sudeste <i>Southeast</i>	25,9%	58,7%	23,4%	19,9%	14,4%	26,4%	28,4%	25,9%
Sul <i>South</i>	29,9%	52,4%	36,6%	28,7%	26,8%	20,7%	23,2%	23,3%
Centro-Oeste <i>Midwest</i>	28,6%	71,4%	28,6%	14,3%	14,3%	28,6%	28,6%	0,0%
Total / Total	27,5%	55,7%	29,0%	23,6%	19,7%	23,8%	26,2%	100,0%
Número de empresas⁽¹⁾⁽²⁾ Number of companies⁽¹⁾⁽²⁾	3.874	7.857	4.093	3.326	2.777	3.362	3.691	295

Fonte: IEMI

Nota: (1) Respostas múltiplas.

(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI

Note: (1) Multiple answers.

(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 38

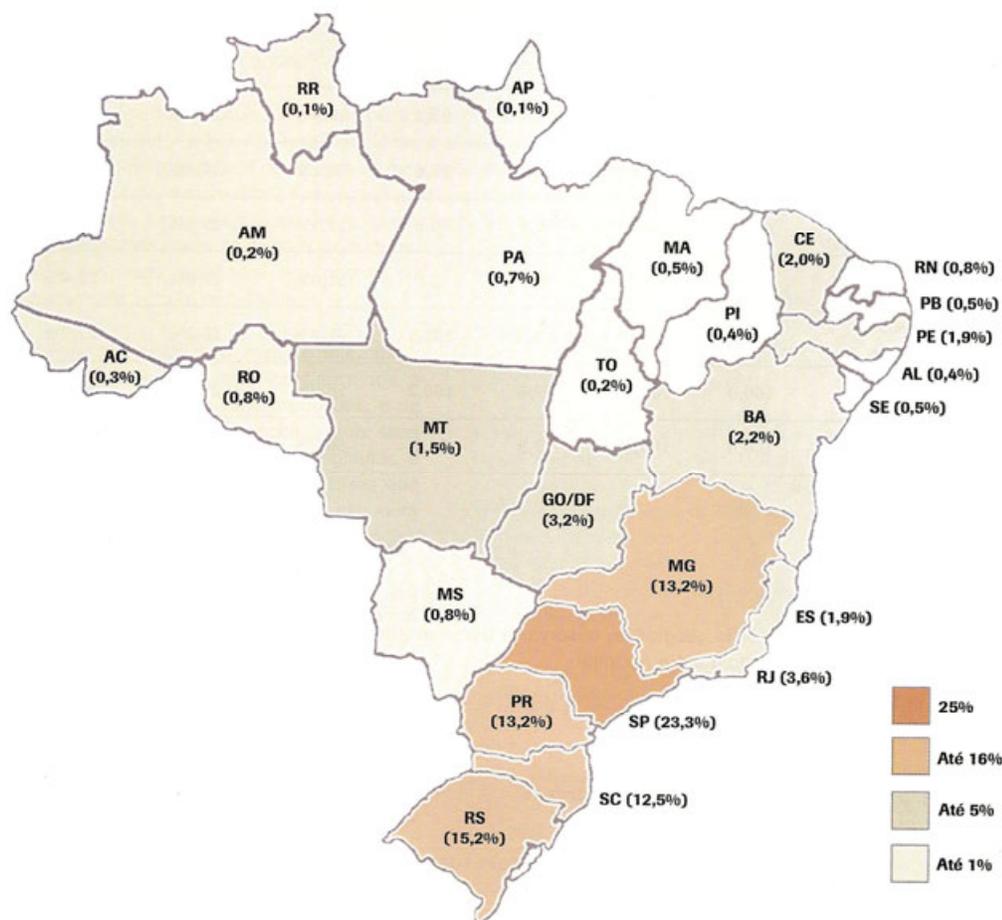


Figura 64: concentração das empresas por região e Estado do país. (IEMI, 2006a, p. 42)

Tabela 10 – Empresas segundo sua Política de Produção

Empresas segundo sua política de produção <i>Companies according to production policy</i>					
Regiões e Pólos <i>Regions and Centers</i>	Prod. Em Série <i>Production in Series</i>	Prod. Sob Desenho <i>Production as per Design</i>	Prod. de Partes <i>Production of Parts</i>	Montagem de Partes <i>Assembly of Parts</i>	Base <i>Base</i>
Norte/Nordeste <i>North / Northeast</i>	45,5%	77,3%	0,0%	0,0%	1.583
Sudeste / Southeast	51,5%	58,7%	6,4%	2,1%	6.023
Sul / South	63,5%	51,1%	9,6%	5,6%	5.743
Centro-Oeste / Midwest	57,1%	57,1%	0,0%	0,0%	757
Total / Total⁽¹⁾⁽²⁾	7.942	7.998	1.016	480	14.106
Participação % <i>% Participation</i>	56,3%	56,7%	7,2%	3,4%	100,0%

Fonte: IEMI
Nota: (1) Respostas múltiplas.
(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Multiple answers.
(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 38

As importações reduziram 11% em termos de volumes, como mostra a tabela 11, e cresceram 9% em valores, na tabela 12, de 2000 a 2005, de acordo com IEMI (2006a, p. 62-63), respectivamente.

Tabela 11 – Importação de Móveis em Volumes

Importação de móveis em volumes (em toneladas) <i>Furniture imports in volume (in tons)</i>						
Importações brasileiras de móveis (em toneladas) <i>Brazilian furniture imports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	23.905	24.131	18.699	17.055	21.423	23.619
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	2.379	1.906	984	1.061	1.391	1.959
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	1.508	1.918	1.068	558	744	891
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	2.456	1.809	1.004	693	726	1.089
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	1.701	1.727	1.132	645	1.326	996
Colchões / <i>Mattresses</i>	1.650	1.200	1.538	963	1.198	1.477
Total / Total	33.599	32.691	24.424	20.977	26.808	30.029

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 62 (grifo nosso)

Tabela 12 – Importação de Móveis em Valores

Importação de móveis em valores (em US\$ 1.000) <i>Furniture imports in values (in US\$ 1,000)</i>						
Importações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Brazilian furniture imports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	115.169	117.935	94.515	88.499	127.630	138.453
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	8.140	5.636	3.716	3.327	3.808	6.422
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	5.276	4.606	2.990	2.514	1.555	3.378
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	5.337	3.554	1.694	1.212	1.354	2.103
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	6.398	4.622	3.036	2.237	3.285	3.594
Colchões / <i>Mattresses</i>	5.743	4.317	3.685	2.305	3.189	5.242
Total / Total	146.063	140.670	109.637	100.094	140.821	159.191

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 63 (grifo nosso)

“Entre os principais países de origem das importações brasileiras de móveis e colchões em 2005, destacam-se os Estados Unidos, com cerca de 30% do total, seguido da Alemanha, com 22%, e França com 12%”, como mostra a tabela 13. (IEMI, 2006a, p. 67)

Tabela 13 – Principais Países de Origem das Importações Brasileiras

Principais países de origem das importações brasileiras
Main countries of origin for Brazilian imports

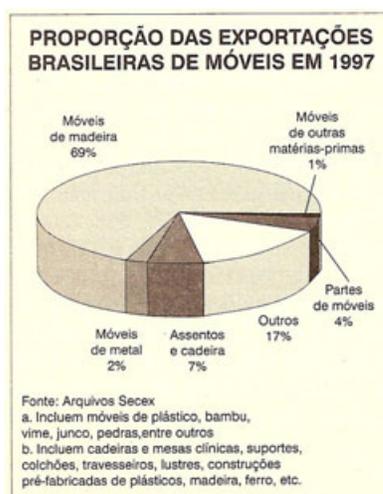
Origem das importações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) <i>Origin of Brazilian furniture imports (in US\$ 1,000)</i>						
Países / Countries	2003	Partic (%) Share (%)	2004	Partic (%) Share (%)	2005	Partic (%) Share (%)
1. Estados Unidos / <i>United States</i>	26.647	26,6	44.207	31,4	46.973	29,5
2. Alemanha / <i>Germany</i>	27.682	27,7	31.488	22,4	34.595	21,7
3. França / <i>France</i>	12.029	12,0	22.552	16,0	19.575	12,3
4. Espanha / <i>Spain</i>	8.288	8,3	9.502	6,7	12.326	7,7
5. Itália / <i>Italy</i>	7.151	7,1	5.207	3,7	8.739	5,5
6. China / <i>China</i>	1.941	1,9	4.026	2,9	8.568	5,4
7. Polônia / <i>Poland</i>	417	0,4	3.290	2,3	3.966	2,5
8. Japão / <i>Japan</i>	2.163	2,2	3.373	2,4	3.790	2,4
9. Argentina / <i>Argentina</i>	3.446	3,4	2.515	1,8	3.107	2,0
10. Uruguai / <i>Uruguay</i>	1.574	1,6	1.739	1,2	2.902	1,8
11. Suíça / <i>Switzerland</i>	438	0,4	1.767	1,3	2.519	1,6
12. Suécia / <i>Sweden</i>	278	0,3	903	0,6	1.532	1,0
Sub-total / Sub-total	92.055	91,9	130.570	92,7	148.592	93,4
Outros / <i>Others</i>	8.040	8,1	10.251	7,3	10.599	6,6
Total / Total	100.094	100,0	140.821	100,0	159.191	100,0

Fonte: SECEX/IEMI - Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 68 (grifo nosso)

Sobre as exportações, os móveis brasileiros mais exportados são confeccionados em madeira, conforme o gráfico 3; enquanto que os países que absorvem esses produtos estão relacionados na tabela 14.

Gráfico 3 – Proporção das Exportações Brasileiras de Móveis em 1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 63

Tabela 14 – Evolução do Destino das Exportações Brasileiras de Móveis / 1997/90

EVOLUÇÃO DO DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS – 1997/90 (Em US\$ Mil FOB)									
Países	1997	1996	1995	1994	1993	1992	1991	1990	Taxa Média Anual
EUA	64.612	60.103	73.740	56.279	39.854	28.504	21.251	18.504	20%
França	55.362	40.566	33.000	31.287	28.085	15.242	3.254	1.151	74%
Argentina	53.795	40.597	28.315	42.057	28.093	15.270	2.486	382	103%
Alemanha	47.348	63.458	58.059	43.074	74.733	32.157	11.543	4.441	40%
Holanda	44.595	35.553	33.833	20.002	10.906	2.895	1.369	1.011	72%
Reino Unido	31.037	26.983	22.294	19.089	11.776	5.630	2.396	965	64%
Uruguai	13.609	12.589	12.540	14.829	11.155	3.701	731	624	55%
Paraguai	6.269	5.805	5.540	3.493	2.904	1.517	699	476	45%
Chile	6.002	6.058	3.163	2.650	2.751	1.414	735	598	39%
Martinica	5.978	6.021	8.578	7.041	5.463	1.972	639	50	98%
Porto Rico	4.936	4.268	4.755	6.296	7.099	5.959	5.028	5.917	-3%
Guadalupe e Deps.	4.632	6.083	7.490	6.965	4.912	563	36	1	253%
Suécia	4.556	4.253	1.307	1.122	1.974	2.466	1.585	1.122	22%
Bolívia	3.457	2.732	3.218	3.696	3.259	2.040	1.711	1.367	14%
México	836	731	582	5.628	5.052	2.226	2.830	450	9%
Subtotal	347.025	315.798	296.413	263.508	238.016	121.557	56.292	37.058	38%
Outros	43.570	35.527	33.907	25.103	28.179	19.509	12.527	6.659	31%
Total	390.595	351.325	330.319	288.611	266.195	141.066	68.819	43.717	37%

Fonte: Arquivos Secex.

Fonte: GORINI, 2000, p. 61 (grifo nosso)

De 2000 a 2005, houve um aumento nas vendas externas em 103%, em termos de valores, enquanto que o volume aumentou em torno de 71%, como ilustram as tabelas 15 e 16, respectivamente.

Tabela 15 – Exportação de Móveis em Valores

Exportação de móveis em valores (em US\$ 1.000) Furniture exports in values (in US\$ 1,000)						
Exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000) Brazilian furniture exports (in US\$ 1,000)						
Tipo de móveis Type of furniture	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / Seats	74.138	78.512	77.598	109.263	187.963	211.477
Móveis de metal Metal Furniture	15.050	14.842	7.948	12.526	15.005	17.698
Móveis de madeira Wood Furniture	372.084	354.165	410.586	502.045	683.777	700.240
Móveis de outras matérias Furniture of other materials	2.355	2.482	1.676	2.859	4.550	4.562
Partes de móveis / Furniture parts	23.916	33.339	37.024	39.830	53.031	59.837
Colchões / Mattresses	6.812	6.436	3.227	3.481	6.384	8.628
Total / Total	494.355	489.776	538.058	670.005	950.710	1.002.443

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 64 (grifo nosso)

Tabela 16 – Exportação de Móveis em Volumes

Exportação de móveis em volumes (em toneladas)
Furniture exports in volume (in tons)

Exportações brasileiras de móveis (em toneladas) <i>Brazilian furniture exports (in tons)</i>						
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Assentos / <i>Seats</i>	24.107	25.555	21.373	29.399	46.591	48.017
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	8.056	7.674	5.365	8.643	8.989	8.105
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	243.338	245.584	266.803	352.359	458.957	417.623
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	779	906	673	1.373	1.761	1.508
Partes de móveis / <i>Furniture parts</i>	20.282	25.199	28.524	32.700	35.361	32.532
Colchões / <i>Mattresses</i>	1.384	1.463	907	984	1.615	1.744
Total / Total	297.948	306.380	323.645	425.458	553.273	509.529

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 64 (grifo nosso)

Nas exportações nacionais, os móveis de madeira são representados, em maior proporção, pelos residenciais, incluindo cozinhas e dormitórios, e são exportados, principalmente, para países europeus; assentos e cadeiras (inclusive as giratórias) são exportados para os Estados Unidos, especialmente; e os móveis de metal e de plástico, com pequena participação, são exportados, principalmente, para países do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul); dados estes de 1997. (GORINI, 2000, p. 60-62)

Segundo IEMI (2006a, p. 67), “os Estados Unidos absorvem quase 40% das vendas externas brasileiras, seguido da França com 10%, Reino Unido com 7% e Argentina com 5%. A União Européia, com cerca de 30% é o segundo maior destino das exportações brasileiras de móveis”, como revela a tabela 17, em termos de móveis e colchões, dados de 2005. Sobre o destino das exportações do Brasil, cabe destacar que houve um aumento significativo (em US\$ 1.000) dessas operações comerciais, em relação aos Estados Unidos, França, Reino Unido e Argentina, como pode ser observado na relação entre a tabela 14, de 1997, e a tabela 17, de 2005.

Tabela 17 – Principais Países de Destino das Exportações Brasileiras

Principais países de destino das exportações brasileiras
Main countries of origin for Brazilian imports

Destino das exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000)
Origin of Brazilian furniture imports (in US\$ 1,000)

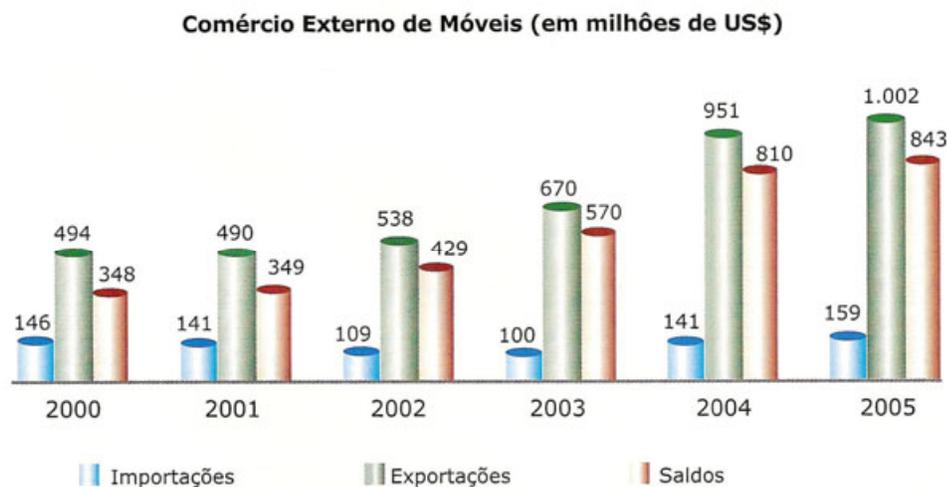
Países / Countries	2003	Partic (%)	2004	Partic (%)	2005	Partic (%)
		Share (%)		Share (%)		Share (%)
1. Estados Unidos / United States	265.121	39,6%	372.138	39,1%	391.151	39,0%
2. França / France	80.637	12,0%	94.854	10,0%	96.136	9,6%
3. Reino Unido / United Kingdom	61.313	9,2%	92.759	9,8%	74.959	7,5%
4. Argentina / Argentina	14.606	2,2%	36.157	3,8%	50.561	5,0%
5. Espanha / Spain	15.411	2,3%	31.612	3,3%	38.564	3,8%
6. Alemanha / Germany	31.453	4,7%	41.747	4,4%	38.243	3,8%
7. Países Baixos / Netherlands	33.292	5,0%	37.798	4,0%	35.686	3,6%
8. Chile / Chile	14.463	2,2%	25.848	2,7%	31.106	3,1%
9. Porto Rico / Puerto Rico	12.628	1,9%	16.412	1,7%	19.135	1,9%
10. Canadá / Canada	9.841	1,5%	15.395	1,6%	19.037	1,9%
11. México / Mexico	12.048	1,8%	16.349	1,7%	17.178	1,7%
12. Angola / Angola	2.978	0,4%	9.684	1,0%	13.814	1,4%
13. Irlanda / Ireland	12.702	1,9%	11.052	1,2%	13.109	1,3%
14. Uruguai / Uruguay	6.522	1,0%	9.991	1,1%	12.140	1,2%
15. Venezuela / Venezuela	2.767	0,4%	6.251	0,7%	9.897	1,0%
Sub-total / Sub-total	575.780	86,0%	818.043	86,1%	860.715	85,9%
Outros / Others	94.225	14,0%	132.667	13,9%	141.727	14,1%
Total / Total	670.005	100,0%	950.710	100,0%	1.002.443	100,0%

Fonte: SECEX/IEMI - Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006a, p. 68 (grifo nosso)

O gráfico 4, a seguir, “apresenta a evolução da Balança Comercial do segmento, incluindo móveis e colchões”. (IEMI, 2006a, p. 67)

Gráfico 4 – Comércio Externo de Móveis



Fonte: IEMI, 2006a, p. 67

As tabelas 18 e 19, a seguir, correspondem, respectivamente, à classificação da indústria de móveis segundo as matérias-primas mais utilizadas, em relação ao número de empresas

e de pessoal ocupado e ao valor bruto da produção; e às “principais características do segmento de móveis de madeira para residência”. (GORINI, 2000, p. 38)

Tabela 18 – Distribuição das Empresas, do Pessoal Ocupado e do Valor Bruto da Produção Industrial por Tipo de Móvel

DISTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS, DO PESSOAL OCUPADO E DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR TIPO DE MÓVEL						
SEGMENTO	NÚMERO DE EMPRESAS	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO/ NÚMERO DE EMPRESAS	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO	NÚMERO DE EMPRESAS (%)	TOTAL DO PESSOAL OCUPADO (%)	VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL (%)
INDÚSTRIA DE MÓVEIS						
Madeira (incluindo vime e junco)	12.519	154.744	12,4	91,0	83,0	72,1
Metal	534	16.319	30,6	3,9	8,8	12,1
Plástico	103	2.595	25,2	0,7	1,4	1,3
Montagem e Acabamento	42	344	8,2	0,3	0,2	0,1
Subtotal	13.198	174.002	13,2	95,9	93,3	85,6
ARTEFATOS DO MOBILIÁRIO						
Colchoaria	348	8.926	25,6	2,5	4,8	12,5
Persianas	43	2.945	68,5	0,3	1,6	1,8
Subtotal	391	11.871	30,4	2,8	6,4	14,3
Não Classificados	170	594	3,5	1,2	0,3	0,1
Total	13.759	186.467	13,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Censo Industrial 1985.

Fonte: GORINI, 2000, p. 39

Tabela 19 – Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO SEGMENTO DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA RESIDÊNCIA					
TIPO DE MÓVEL	PRODUÇÃO	MATÉRIA-PRIMA PREDOMINANTE	PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAL MERCADO CONSUMIDOR	GRAU DE TECNOLOGIA
Torneado	Seriada	Madeira de reflorestamento, especialmente serrado de pinus	Médias e grandes	Exportação	Alto
	Sob encomenda	Madeiras de lei, em especial serrado de folhosas	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e alta	Baixo, quase artesanal
Retilíneo	Seriada	Aglomerado	Médias e grandes	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Alto
	Sob encomenda	Compensado e aglomerado	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Médio

Fonte: Estudo da Competitividade. Elaboração: BNDES.

Fonte: GORINI, 2000, p. 39

Conforme Gorini (2000, p. 40),

no segmento de móveis sob encomenda, cabe mencionar a presença de uma multiplicidade de micro e pequenas empresas, em geral marcenarias, cuja matéria-prima básica é a madeira compensada conjugada com madeiras nativas. Seus equipamentos e instalações são quase sempre deficientes e ultrapassados – o que gera muitas imprecisões nas medidas – e o trabalho ainda é predominantemente artesanal. São empresas, em sua maioria, integradas, que detêm, inclusive, o processamento primário da madeira com que trabalham. Seu produto final destina-se predominantemente ao mercado doméstico. [...] No segmento de móveis seriados, principalmente os retilíneos, encontramos as empresas mais modernas, que produzem em grande escala, utilizando redes atacadistas nacionais como distribuidores [figura 65]. Os móveis retilíneos seriados são lisos, sem detalhes sofisticados de acabamento e com desenho simples de linhas retas, [com processo produtivo simplificado, ao contrário do adotado para produção de móveis torneados seriados, esta com mais etapas]. Cabe destacar, por exemplo, os móveis tradicionais para quarto e cozinha, que se destinam à parcela da população com menor poder aquisitivo.

Exemplos de indústrias que desenvolvem esses móveis retilíneos seriados são a Carraro e a Todeschini, ambas instaladas no Rio Grande do Sul.



Figura 65: móveis seriados distribuídos por redes atacadistas nacionais. (GORINI, 2000, p. 41)

Ultimamente, o que tem se destacado são os móveis retilíneos seriados modulares que se adequam mais aos ambientes por permitirem uma variação de composições. Por isso, eles também podem ser chamados de móveis personalizados, produzidos, por exemplo, pela Florense (RS), SCA (RS), Pastore (ES) e Rudnick (SC). Essa linha de móveis retilíneos seriados modulares disseminou-se pelas classes média e alta.

Ainda sobre móveis para residência, destacam-se aqueles feitos em metal, “conjugado com outras matérias-primas, como madeira, vidro, entre outros”, produzidos por empresas de grande porte, em função da “complexidade dos processos produtivos”, como a metalurgia. Tem-se, como exemplo, a Móveis Itatiaia, especializada em cozinhas de aço, como mostra a figura 66. (GORINI, 2000, p. 42)

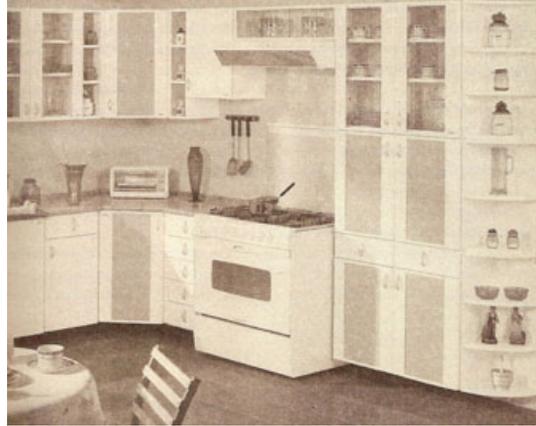


Figura 66: cozinha de aço da Móveis Itatiaia (MG). (GORINI, 2000, p. 43)

Quanto aos móveis para escritório,

a especialização da produção é grande, ou seja, há poucas linhas de produtos numa mesma unidade industrial, como, por exemplo, empresas especializadas na produção de cadeiras giratórias - produto bastante sofisticado tecnologicamente -, cabendo destacar nesse segmento a empresa Giroflex [com a cadeira na figura 67],

a qual obteve um faturamento de US\$ 63 milhões e detinha 25% do mercado nacional em 1997.(GORINI, 2000, p. 42)



Figura 67: cadeira da Giroflex. (GORINI, 2000, p. 43)

Mas a tendência é o fornecimento da linha completa dos produtos aos usuários, o que evidencia a horizontalização da produção por meio da terceirização de serviços nesse segmento, além da preocupação com a qualidade e os serviços pós-venda. Também nessa área, houve a entrada de empresas estrangeiras, especialmente com a associação destas a empresas nacionais, como a união da Giroflex à Irwin Seating, e da Teperman à Herman Miller.

Até o ano de 2000, a indústria brasileira de móveis mantinha em torno de 10 mil micro, 3 mil pequenas e 500 médias empresas, de capital totalmente nacional. Dados correspondentes ao ano de 2005, quanto à indústria moveleira no Brasil, estão representados na tabela 20.

Tabela 20 – Os Grandes Números do Setor Moveleiro no Brasil

Indústrias / Industries ⁽¹⁾	14,4 mil / 14.4 thousand
Empregos / Jobs	227,6 mil funcionários / 227.6 thousand employees
Produção / Production	309,0 milhões de peças (29 milhões de colchões) 309.0 million pieces (29 million mattresses)
Vendas / Sales	R\$ 17,0 bilhões (R\$ 1,6 bi em colchões) R\$ 17.0 billion (R\$ 1.6 bi in mattresses)
Exportações / Exports	US\$ 1,0 bilhão / US\$ 1.0 billion
Investimentos / Investments	R\$ 330,0 milhões / R\$ 330.0 million

Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados. – **Note:** (1) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006a, p. 34

3.1.3.2 Principais pólos moveleiros no Brasil

O Estado de São Paulo é considerado o maior produtor de móveis no Brasil, e 80% de sua produção refere-se a móveis para escritório. Possui uma diversidade de empresas na região metropolitana e, segundo Ferreira, no “Nordeste Paulista, que reúne os pólos de Mirassol e Votuporanga”. (FERREIRA *apud* GORINI, 2000, p. 44)

Já o Rio Grande do Sul é considerado o segundo produtor brasileiro, cuja produção concentra-se no pólo de Bento Gonçalves, sendo este “voltado principalmente para a fabricação de móveis retilíneos seriados”. Esses produtos destinam-se especialmente ao mercado interno, representando 9% da produção nacional, e “os móveis residenciais (principalmente de cozinha e dormitórios) e para escritório representam, respectivamente, 65% e 15% da produção local”, em âmbito estadual. Ademais, o Estado do Rio Grande do Sul possui em torno de

2,8 mil empresas - somente cem de maior porte [...] -, sua produção é comercializada predominantemente no mercado doméstico: 18% no próprio Estado e 75% em outras unidades da Federação. Somente 7% do valor da produção é exportado, representando, no entanto, uma parcela de 25% do total das exportações nacionais: depois de Santa Catarina, é o maior estado exportador. (GORINI, 2000, p. 44)

Entre as maiores empresas, destacam-se Carraro, Todeschini, Única, Bertolini, SCA e Florense.

No item 3.6, a seguir, serão aprofundados assuntos sobre a indústria moveleira no Rio Grande do Sul.

Como terceiro produtor moveleiro do Brasil, destaca-se o Estado de Santa Catarina, com sua produção concentrada no pólo de São Bento do Sul, também especializado em móveis

residenciais, “direcionados, em sua maior parte, para o mercado de exportação”, correspondendo quase 40% do total das exportações nacionais. (GORINI, 2000, p. 45)

Exemplos de outros pólos de importância no cenário brasileiro encontram-se “no Ceará, na Bahia (Recôncavo, Feira de Santana e Teixeira de Freitas) e no Paraná (Guarapuava)”. (GORINI, 2000, p. 45)

As indústrias moveleiras de pequeno porte, responsáveis principalmente pela produção de móveis sob medida, realizam a venda diretamente ao consumidor ou por intermédio de um designer ou um arquiteto. As demais comercializam seus produtos por meio de lojas de departamentos e/ou lojas exclusivas do ramo.

A seguir, a tabela 21 apresenta algumas características dos principais pólos moveleiros do Brasil, segundo suas localizações, número de empresas e empregos que abrangem, principais mercados e produtos desenvolvidos.

Tabela 21 – Principais Pólos Moveleiros do Brasil

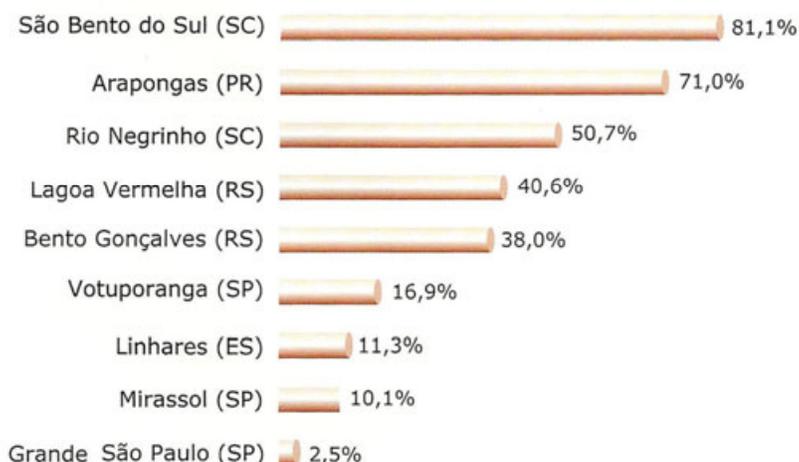
PRINCIPAIS PÓLOS MOVELEIROS DO BRASIL					
PÓLO MOVELEIRO	UF	Nº DE EMPRESAS	EMPREGOS	PRINCIPAIS MERCADOS	PRINCIPAIS PRODUTOS
Ubá	MG	153	3.150	MG, SP, RJ e BA	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda
Bom Despacho e Martinho Campos	MG	117	2.000	MG	Cadeiras, dormitórios, salas, estantes e móveis sob encomenda
Linhares e Colatina	ES	130	3.000	SP, ES e BA	Móveis retilíneos (dormitórios, salas) e móveis sob encomenda
Arapongas	PR	145	5.500	Todos os estados	Móveis retilíneos, estofados, de escritório e tubulares
Votuporanga	SP	350	7.000	Todos os estados	Cadeiras, armários, estantes, mesas, dormitórios, estofados e móveis sob encomenda em madeira maciça
Mirassol, Jaci, Bálsamo e Neves Paulista	SP	80	3.000	SP, MG, RJ, PR e NE	Cadeiras, salas, dormitórios, estantes e móveis sob encomenda em madeira maciça
Tupã	SP	54	700	SP	Mesas, racks, estantes, cômodas e móveis sob encomenda
São Bento do Sul e Rio Negrinho	SC	210	8.500	Exportação, PR, SC e SP	Móveis de pinus, sofás, cozinhas e dormitórios
Bento Gonçalves	RS	130	7.500	Todos os estados e exportação	Móveis retilíneos, móveis de pinus e metálicos (tubulares)
Lagoa Vermelha	RS	60	1.800	RS, SP, PR, SC e exportação	Dormitórios, salas, móveis de pinus, estantes e estofados

Fontes: STCP/Staglorio Consultoria; Associação da Indústria de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (Movergs); Sindicato das Indústrias de Móveis de Arapongas; Sindicato das Indústrias da Madeira e do Mobiliário de Linhares; Sindicato da Indústria do Mobiliário e Marcenaria do Estado do Paraná; Ferreira (1997a e 1997b); e Gazeta Mercantil (29.01.98).
Elaboração: BNDES.

Fonte: GORINI, 2000, p. 46

A cidade de São Bento do Sul (SC) corresponde ao pólo moveleiro com o maior número de empresas exportadoras, com 81,1%, seguida de Araponga (PR) com 71%, e Rio Negrinho (SC) com 50,7%, como mostra o gráfico 5, dados estes de 2005.

Gráfico 5 – Pólos Produtores com Maior Ocorrência de Empresas Exportadoras

Pólos produtores com maior ocorrência de empresas exportadoras

Fonte: IEMI, 2006a, p. 73

3.1.3.3 Fatores de competitividade: matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design

Neste item, foram abordados os principais fatores de competitividade que correspondem ao universo da produção moveleira, relativos a matérias-primas, tecnologia, mão-de-obra e design.

Matérias-primas

Segundo Gorini (2000, p. 47), das principais matérias-primas que vêm sendo utilizadas pela produção moveleira no Brasil, especialmente a partir da década de 1990, destacam-se:

- madeiras reflorestadas, como pínus e eucalipto e várias madeiras de lei, como mogno, cerejeira, imbuia, cedro, cedrinho, virola e sucupira;
- segundo a Jaakko Poyry Consultoria, o consumo nacional de madeira serrada nativa da Amazônia é da ordem de 7,4 milhões de m³ (incluindo outros setores como construção civil), enquanto o de madeira serrada de pínus está em torno de 4,4 m³;
- compensados, chapas duras e painéis de madeira aglomerada – os painéis de MDF já são utilizados por expressivo número de empresas de grande e médio portes (o consumo nacional de painéis aglomerados alcançou 1,4 milhão de m³ em 1997);
- diversos revestimentos: lâmina de madeira, papéis, laminados plásticos, PVC [*Polyvinyl Chloride* / Poli (Cloro de Vinila)], tintas e vernizes, tecidos, entre outros.

Sobre as madeiras reflorestáveis, o uso desta matéria-prima tem sido uma alternativa diante das restrições ambientais em relação à extração e utilização das madeiras nativas, além do

custo baixo daquelas em relação a estas e também das vastas áreas disponíveis para o plantio, o que pode tornar o Brasil bastante competitivo no mercado internacional. Como já mencionado, as madeiras reflorestáveis mais cultivadas neste país são o eucalipto e o pínus. Este último tem seus fornecedores concentrados, principalmente, nos Estados do Paraná e de Santa Catarina.

De acordo com Gorini (2000, p. 50),

já são encontrados alguns móveis confeccionados em eucalipto no mercado interno, como, por exemplo, na estrutura interna de estofados, cômodas e armários, nas laterais de gavetas e na fabricação de jogos de mesas. Entretanto, a madeira pode ser utilizada em muitas outras aplicações, desde a forma aparente, como madeira maciça - já que o eucalipto tratado admite tingimento e verniz, aproximando-se do padrão mogno - até em lâminas nobres revestindo painéis. Esta é uma tendência que deverá crescer e introduzir mudanças significativas no perfil da indústria brasileira de móveis.

Como exemplos de empresas que desenvolvem desde o plantio até o fornecimento dessas madeiras têm-se a Aracruz, a Flosul, a Klabin e a CAF Santa Bárbara.

Quanto ao consumo de matérias-primas, segundo IEMI (2006a, p. 51), para a produção de móveis de madeira, usa-se 59% de madeira serrada, 26% de pinus e 33% de “madeira de lei”. Sobre as madeiras industrializadas, correspondentes a 41% da demanda de matérias-primas, a utilização mais significativa refere-se a chapas de MDF (20%) e a aglomerados (17%). Já as chapas de fibras duras não ultrapassam 5% do consumo total de madeiras. Na produção de móveis de metal, utiliza-se 62% em tubos e 38% em chapas. No segmento de vime, ratan e semelhantes, o primeiro material citado corresponde a 80% do consumo, “quase todo de origem nacional”, ficando o restante com ratan e semelhantes, “quase sempre importados”.

Além desses produtos, o mercado consome cerca de 7,95 milhões de metros cúbicos de espumas, na produção de colchões e estofados, e de outros artigos em quantidades pequenas e variáveis, como inox, vidros, cerâmicas, cortiças, etc., cuja demanda varia bastante, em função do estilo em voga.

Tecnologia

No Brasil, as máquinas modernas, como as das figuras 68 e 69, para o setor moveleiro, são, geralmente, importadas de países como a Itália e a Alemanha, conforme mostra a evolução no gráfico 6, pois a produção desses equipamentos em nível nacional para linhas integradas ainda não alcançou o padrão tecnológico desses países (o que não acontece com as linhas não-integradas, em que os equipamentos são predominantemente nacionais), cujos aparelhos oferecem melhor produtividade, precisão e qualidade. São exemplos de importadoras, “a maioria das médias e grandes empresas de São Bento do Sul e Bento Gonçalves”, como também “as grandes empresas de móveis de escritório de São Paulo”, as

quais investem em tecnologia de última geração, como as CNCs, além do “treinamento da mão-de-obra e [do] [...] desenvolvimento de capacidade gerencial” adotados por essas indústrias de São Paulo. Essas máquinas de tecnologia de ponta predominam na produção de móveis retilíneos, que é mais contínua. Já no segmento de móveis torneados e para escritório ainda existe a relação dessas máquinas modernas com equipamentos antigos. (GORINI, 2000, p. 52)

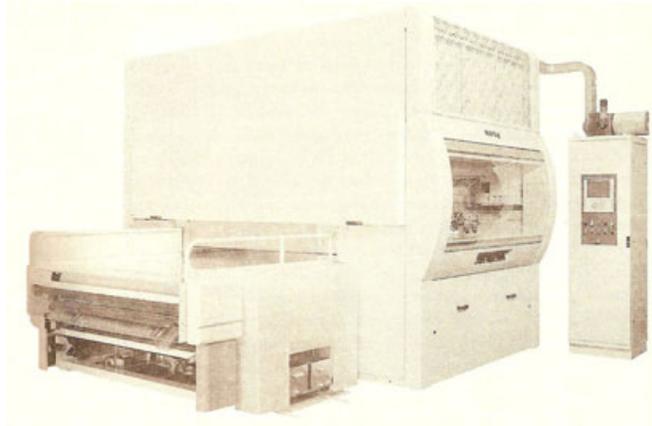


Figura 68: máquina importada com tecnologia de ponta. (GORINI, 2000, p. 41)

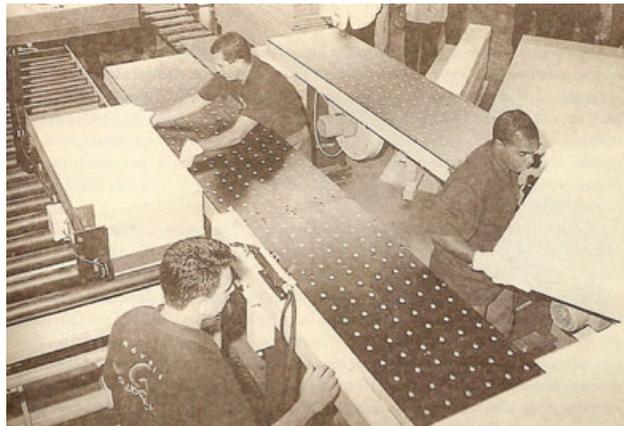


Figura 69: empresa com modernização do parque industrial. (GORINI, 2000, p. 49)

Gráfico 6 – Evolução das Importações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 58

Em contraposição, as exportações de maquinário têm declinado, conforme o gráfico 7.

Gráfico 7 – Evolução das Exportações Brasileiras de Máquinas Moveleiras / 1990/1997



Fonte: GORINI, 2000, p. 58

Em 2005, de acordo com IEMI (2006a, p. 54), o setor de móveis investiu 65,8% do total na aquisição de novos equipamentos, 29% nas instalações e apenas 5% no treinamento de pessoal e processos.

Centros de formação de mão-de-obra e desenvolvimento de tecnologias

Conforme Gorini (2000, p. 53),

os principais centros destinados à formação de mão-de-obra e ao desenvolvimento tecnológico da indústria moveleira no Brasil estão localizados em alguns dos principais pólos moveleiros, todos geridos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), destacadamente:

- FETEP (Fundação de Ensino, Tecnologia e Pesquisa), de São Bento do Sul (Santa Catarina) → foi instituída pelas empresas moveleiras deste pólo, em 1975, e passou a ser

gerida pelo Senai a partir de 1995, oferecendo cursos profissionalizantes ligados à indústria, curso técnicos de 2º e 3º grau (em parceria com a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina) que atendem tanto indústrias moveleiras quanto metalúrgicas da região, além de oferecer assistência técnica e convênios tecnológicos a elas;

- CETEMO (Centro Tecnológico do Mobiliário), de Bento Gonçalves (Rio Grande do Sul) → fundado em 1983, oferece os mesmos tipos de cursos da FETEP, mas em convênio com a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e com o Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário (SINDMÓVEIS). Este centro criou o Núcleo Nacional de Apoio ao Design, no âmbito do Programa Brasileiro de Design, em funcionamento desde 1997. Cabe ainda destacar os convênios com empresas, tendo como exemplos a Masisa e a Flosul, para o desenvolvimento de produtos e também de matérias-primas alternativas como o eucalipto, o cinamomo, a grevilha e a uva-japão, entre outras, além de convênios internacionais com o Canadá e a Espanha;
- CETMAM (Centro Tecnológico da Madeira e do Mobiliário), de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba (Paraná) → fundado há pouco tempo, possui atividades semelhantes aos centros citados anteriormente, mantendo convênio com o Estado alemão de Baden (Wurttemberg).

Design

Segundo Gorini (2000, p. 55), a competitividade da indústria moveleira também pode ser fomentada, além da eficiência dos processos produtivos, por meio do design, no que se refere à qualidade, conforto, facilidade de montagem e, principalmente, por fatores relacionados à inovação dos produtos, como emprego de novos materiais, novos tipos de acabamento, diminuição do uso de insumos (materiais e energéticos), queda do número de partes e peças envolvidas num determinado produto e redução do tempo de fabricação. “Ou seja, design é mais que um avanço na estética, pois significa também o aumento da eficiência global na fabricação do produto, incluindo práticas que minimizem a agressão ao meio ambiente”. Mesmo assim, no Brasil, “ainda predominam cópias modificadas dos modelos oferecidos no mercado internacional”, pois poucas indústrias investem num setor de design para o desenvolvimento de projetos. Muitas vezes, como no caso das exportações, o design é imposto pelas importadoras. (GORINI, 2000, p. 55)

Como incentivos ao design, há as iniciativas governamentais propostas pelo Programa Brasileiro do Design, como também o Programa São Paulo Design e o Madeira em Design (este desenvolvido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e pelo SENAI/DF). Estes últimos exemplos desenvolvem um trabalho de classificação das diferentes espécies de madeiras, bem como as regiões de ocorrência, entre outras pesquisas.

Entretanto, de acordo com Gorini (2000, p. 56),

é consenso que o design não avançará no Brasil se não se tornar parte integrante e forte das estratégias do setor privado. Além disso, no setor moveleiro, em que predominam pequenas e médias empresas, a formação de redes e centros regionais de design e o incentivo à cooperação tornam-se imprescindíveis, uma vez que a pequena empresa, muitas vezes, não pode ter o seu próprio departamento de design, mas poderia, em um esforço coletivo, ter mais capacidade de melhorar o desenho de seus produtos.

3.2 O Desenvolvimento do Estado e a Imigração

Segundo Boni e Costa (1984, p. 16-17), os portugueses passaram a se interessar pela margem oriental do rio Uruguai quando perceberam que nessa região havia a possibilidade “de contrabando de prata e de ouro, bem como o aprisionamento do gado das campinas”, no início do século XVII. Nesse período, já se somavam 500 mil indivíduos, em estado primitivo de civilização, de três grupos indígenas distintos, os quais são representados pelo grupo Gê que habitava “os campos de cima da serra e suas florestas” e que hoje se encontram na região do Alto Uruguai; o Guarani, o qual se espalhou no “litoral marítimo e às margens dos grandes rios, [...] [como também foi] o principal grupo das reduções”, restando hoje poucos indivíduos; e o Pampeano (ou Charrua), grupo que se estendeu pelos pampas gaúcho e uruguaio, “assimilados como peões [sic] de estância”.

Os indígenas, então, passaram a ser catequizados por jesuítas pelo sistema de reduções, o qual era fechado aos brancos e de onde “saíam determinados impostos para a coroa”, assunto esse introduzido no item 2.2. A primeira redução em solo gaúcho, São Borja, foi fundada em 1682, já “no segundo período de atividade missionária. Em 25 anos, surgiram outras seis reduções”, como mostra a figura 70, as quais foram definindo até extinguírem-se no início do século XIX. Assim,

nas reduções imprimiram-se os primeiros livros do Brasil, fundiu-se o primeiro bronze, descobriu-se o segredo do plantio da árvore do mate. Esculpiram-se estátuas, levantaram-se monumentos dos quais até hoje temos ruínas, aperfeiçoaram-se instrumentos, representou-se teatro e, acima de tudo, provou-se que é possível constituir uma civilização baseada em outros princípios que não o da exploração do homem pelo homem. (BONI e COSTA, 1984, p. 18)

